



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

**O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO CONTEXTO DE CONFERÊNCIA:
REFLEXÕES SOBRE SUA ATUAÇÃO**

KÁTIA ANDRÉIA SOUZA DOS SANTOS

São Carlos – SP
2016

Kátia Andréia Souza dos Santos

**O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO CONTEXTO DE CONFERÊNCIA:
REFLEXÕES SOBRE SUA ATUAÇÃO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora de Defesa, Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (PPGEEs/UFSCar), como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação Especial, sob a orientação da Prof^a Dr^a Cristina B. F. de Lacerda.

São Carlos – SP
2016

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237i Santos, Kátia Andréia Souza dos
O intérprete de libras no contexto de conferência
: reflexões sobre sua atuação / Kátia Andréia Souza
dos Santos. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
100 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de
São Carlos, 2016.

1. Intérprete. 2. Libras. 3. Autoconfrontação
simples. 4. Conferência. 5. Educação especial. I.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Kátia Andréia Souza dos Santos, realizada em 25/05/2016:

Profa. Dra. Cristina Broglia Feitosa de Lacerda
UFSCar

Profa. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins
UFSCar

Profa. Dra. Ana Claudia Balieiro Lodi
USP

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, por quem eu nutro o mais puro amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por Seu infinito amor e misericórdia.

Aos meus pais, Carlos e Jara, por todo o apoio, incentivo e muita paciência.

Aos meus irmãos, Kate e Cauã, pelo carinho e companheirismo.

A minha orientadora, Cristina Lacerda, por todo o conhecimento compartilhado, apoio e incentivo.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa Surdez e abordagem bilíngue, por todas as contribuições ao projeto que iniciou essa pesquisa.

As minhas amigas/irmãs, Cyntia, Elaine e Lourdes e amigo Hermínio, por sempre estarem ao meu lado.

Aos novos amigos do PPGEEs, muitos para nomear, mas cada um com um local especial no meu coração, pois juntos vencemos mais essa etapa da vida.

Ao meu amigo, Carlos, por todas as perguntas que eu não sabia responder e me instigaram a ir além.

Ao meu amigo, Rogério, pelos momentos de risadas e descontração.

Aos amigos da igreja da Campina e do CASC, que me acolheram como irmãos.

*Vista de longe, a tradução simultânea parece
mágica. Vista de perto, parece loucura.
(Magalhães Jr, 2007, p. 19)*

RESUMO

A profissão de intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) já é reconhecida no país, sua importância tem sido valorizada no meio acadêmico e o profissional é cada vez mais procurado no mercado de trabalho, devido a maior inserção dos surdos na sociedade. Dessa forma, esta pesquisa aborda questões inerentes ao ato interpretativo e terá como objetivo conhecer melhor a atuação do intérprete de Libras no contexto de Conferências. Para tal, foi desenvolvida uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, usando a técnica da autoconfrontação simples na coleta de dados. Os participantes foram três profissionais intérpretes de Libras, que atuaram em um evento científico nacional na área da educação especial. A coleta dos dados foi feita de forma individual, durante e após o ato interpretativo, por meio de vídeo, e as falas dos participantes então transcritas para análise. O estudo mostrou que a conferência é um contexto extremamente complexo de atuação para esses profissionais, no que tange: (i) ao tempo, que por ser limitado, gera a necessidade dos intérpretes tomarem decisões rápidas, em buscar da melhor forma de dizer o discurso na língua alvo; (ii) à exposição, que devido ao destaque dado ao profissional, geralmente ao lado do palestrante, e sob os olhares e julgamentos da plateia precisa aprender a lidar com constrangimentos; (iii) à posição, sempre ao lado ou um pouco a frente no palco, o que dificulta a atuação do intérprete, uma vez que esse precisa enxergar as informações projetadas em *slides* ou inserções gestuais do próprio palestrante, e (iv) ao preparo, ideal para a transmissão mais adequada das ideias durante a interpretação, mas que por vários motivos não é possível ser previamente executado pelo profissional. Além disso, destaca-se como a técnica da autoconfrontação simples mostrou-se um instrumento interessante para gerar autorreflexões nos participantes do estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Intérprete, Libras, Autoconfrontação Simples, Conferência, Educação Especial

ABSTRACT

The Brazilian Sign Language (Libras) interpreters are already recognized in the country, its importance has been valued in academia and the professional is increasingly sought in the labor market due to greater integration of the deaf in society. Thus, this research addresses issues related to the interpretive act and it aims to better understand the Libras interpreter's role in the conference context. To this end, a descriptive qualitative approach was developed using the method of simple self-confrontation. Three professional Libras interpreters who worked in a national scientific event in the field of special education agreed to participate in this research. The data collection was made individually, during and after the interpretative act by video, and the speeches of the participants then transcribed for analysis. The study showed that conferences are an extremely complex context of action for these professionals, regarding: (i) time, which is limited and generates the need for interpreters take quick decisions to do a good job; (ii) exposure, which due to the prominence given to this professional, that usually stay next to the speaker and under the eyes and judgments of the audience must learn to deal with constraints; (iii) position, which complicates the work of the interpreter, because they need to see the slides projected behind them and the speaker gestures; and (iv) preparation, so important for the appropriate transmission of ideas during the interpretative act, but cannot be always do by the interpreter for various reasons. In addition, it stands out as the method of simple self-confrontation proved to be an interesting tool to self-reflections of the participants of this study.

KEYWORDS: Interpreter, Libras, Simple Self-Confrontation , Conference , Special Education.

LISTA DE SIGLAS

APIC	Associação Paulista de Intérpretes de Conferência
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBEE	Congresso Brasileiro de Educação Especial
CL	Classificadores
IBM	International Business Machines
IE	Intérprete Educacional
IES	Instituição de Educação Superior
ILS	Intérprete de Língua de Sinais
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IS	Interpretação Simultânea
LA	Língua Alvo
LF	Língua Fonte
Libras / LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OCT	Organização Científica do Trabalho
PPGEEs	Programa de Pós Graduação em Educação Especial
Prolibras	Exame de Proficiência em Libras
SEAD	Secretaria de Educação à Distância
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TILS	Tradutor Intérprete de Língua de Sinais
TIT	Teoria Interpretativa da Tradução
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – O INTÉRPRETE.....	15
1.1 Interpretação e Tradução	15
1.2 Interpretação Simultânea - IS.....	17
1.3 O Intérprete e sua atuação	20
1.4 O Intérprete de Língua Brasileira de Sinais - ILS	26
CAPÍTULO 2 - AUTOCONFRONTAÇÃO	34
2.1 Percurso histórico.....	34
2.2 Autoconfrontação simples	44
CAPITULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO	48
3.1 O Método.....	48
3.2 A Coleta.....	50
3.2.1 Filmagem na situação de trabalho	50
3.2.2 Seleção dos participantes	51
3.2.3 Estudo piloto.....	51
3.2.4 Organização do material para as sessões de autoconfrontação	53
3.3 Sessões de autoconfrontação	54
3.4 Sujeitos da Pesquisa	56
3.5 Procedimento usado para as análises	57
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS	59
4.1 O Tempo.....	60
4.2 A Exposição.....	65
4.3 A Posição.....	70
4.4 O Preparo.....	73
4.5 A Autoconfrontação.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE A	98
APÊNDICE B	99

INTRODUÇÃO

A interpretação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) faz-se presente em minhas memórias infantis. Lembro-me de ver na televisão, em um programa infantil, uma mulher que fazia a tradução de cartas dos telespectadores. Naquele momento eu não fazia ideia de que os sinais e expressões que ela fazia, que tanto me encantavam, constituíam uma língua. Anos mais tarde, resgato essa memória ao ingressar na universidade, ao me deparar com um anúncio de um curso de Libras. Assim começa minha relação com a língua de sinais.

Naquela época, a língua de sinais ainda não tinha reconhecimento legal e estava em um momento de expansão em minha cidade, por intermédio de uma surda que aprendeu os sinais na juventude e havia participado de um curso de capacitação de instrutores de Libras no INES (Instituto Nacional de Surdos). Como a língua estava sendo apresentada à comunidade acadêmica, os aprendizes tinham a chance de interagir com colegas surdos, o que não se diferenciava muito da experiência que intérpretes formados nas igrejas vivenciavam. Foi um processo de formação voltado à prática, justamente por conta da necessidade de comunicação com os membros da comunidade surda.

Dessa forma, os primeiros intérpretes iniciavam sua atuação em minha região. Entretanto, o reconhecimento profissional na Legislação Brasileira só surge mais tarde, inicialmente com a Lei 10.098 de 2000, conhecida como a Lei da acessibilidade (BRASIL, 2000), depois com o Decreto 5.626 de 2005, (BRASIL, 2005) que regulamentou a Lei 10.436 de 2002, que oficializava a Libras em nosso país (BRASIL, 2002) e, por fim, em 2010, com a Lei 12. 319, responsável por reconhecer e regulamentar a profissão (BRASIL, 2010).

Nos moldes atuais, o intérprete de língua de sinais desenvolve suas atividades de trabalho realizando a comunicação entre falantes de duas línguas diferentes, um auditivo-oral e outro viso-gestual, possibilitando a comunicação entre eles. Conforme Quadros (2004), essas línguas são denominadas Língua Fonte (LF), que é a língua que o intérprete ouve ou vê para, a partir dela, fazer a tradução e interpretação para a outra língua, denominada Língua Alvo (LA).

Assim, o intérprete recebe uma informação na LF e deve escolher como enunciar essa informação na LA. Essa escolha não é simples, pois não são somente

palavras pronunciadas, mas ideias e opiniões. Não se encontra referentes diretos de uma língua na outra, e por isso é necessário interpretar o significado do que foi dito em uma língua e buscar manter o sentido mais próximo quanto for possível na outra língua. Pode-se citar o exemplo utilizado por Vygotsky (2008) ao falar da interdependência dos aspectos semânticos e gramaticais da linguagem, quando esse se refere à tradução da fábula “A cigarra e a formiga”, de La Fontaine, feita por Krylov.

Em francês, *cigarra* é uma palavra feminina, e, portanto, adequada para simbolizar uma atitude despreocupada e alegre. A nuance se perderia numa tradução literal, uma vez que em russo *cigarra* é masculino. Ao optar por *libélula*, que em russo é feminino, Krylov descartou o significado literal em favor da forma gramatical necessária para transmitir o pensamento de La Fontaine. (VYGOTSKY, 2008 p. 160, grifo do autor)

Desse modo, observa-se que as escolhas feitas devem levar em consideração muito mais do que a palavra em si, em seu sentido literal. O intérprete fará escolhas que dependem de sua competência com as duas línguas, de sua formação e de seu conhecimento relativo às duas culturas, o que acarretará em interferências, mesmo que inconscientes, mas que não são passíveis de exclusão. Assim, durante sua atuação, o profissional passará por momentos de decisões que ocasionarão o uso de estratégias para conseguir alcançar as línguas fonte e alvo, “e um pormenor gramatical pode, às vezes, modificar todo o teor de que se diz” (VYGOTSKY, 2008 p.160). Ou seja, deve-se manter o compromisso com as duas línguas envolvidas, o que poderá ser trabalhoso em vários momentos.

A maioria das pesquisas a respeito da atuação do intérprete de Libras está focada na área educacional, e poucas se interessam pelo intérprete em outras áreas de atuação, como conferências. Por ser um ambiente pouco explorado e que apresenta muitas questões a serem discutidas, propõe-se, nesta pesquisa, explorar esse campo de atividade.

Conferências apresentam um contexto mais formal, com dinâmica própria, em que não cabem interferências, o que torna a atuação do intérprete mais tensa e cansativa. Em geral, um palestrante socialmente reconhecido como conhecedor de uma temática, fala para uma audiência interessada, por um período de tempo sem interrupções, e após a sua explanação, costuma-se abrir a sessão para perguntas da audiência, com o intuito do palestrante tirar dúvidas. Quem fala é visto como

referência pela audiência e a audiência busca conhecer novas informações/conceitos a partir da palestra.

Nesse cenário, dependendo da quantidade de horas a serem trabalhadas, os intérpretes de línguas de sinais organizam-se em revezamento entre dois ou mais profissionais a cada vinte ou trinta minutos, buscando oferecer ao público a melhor interpretação possível. Enquanto um intérprete faz a interpretação da fala do palestrante, outro fica próximo ao seu campo de visão, em geral sentado na plateia, para dar apoio em relação a alguma palavra não compreendida ou fornecendo algum sinal específico, caso haja necessidade. Atuar sozinho dá-se apenas em situações em que o profissional se dispõe a trabalhar no máximo por uma hora. Se o tempo for superior, faz-se necessário o revezamento, pois a presença de mais de um intérprete é essencial.

Mesmo com essa configuração, a atuação do profissional nesse contexto é solitária, já que por mais que haja revezamento entre intérpretes não há necessariamente um *feedback* dos surdos que assistem às conferências, pois esses nem sempre se conhecem e não há tempo para discutir sobre a atuação do intérprete, algo comum em contextos informais. Nesse sentido, investigar aspectos dessa prática pode ser proveitoso para aqueles que atuam nesse campo.

Esta pesquisa, portanto, busca refletir com o intérprete sobre sua própria prática, no contexto das conferências, através de uma metodologia específica: a autoconfrontação simples. Dessa forma, tem-se como objetivo geral conhecer melhor a atuação do intérprete de Libras no contexto da conferência e, como objetivos específicos, (i) discutir estratégias apontadas pelos intérpretes no contexto de conferência e (ii) quais os efeitos da técnica autoconfrontação simples na autorreflexão desses profissionais.

Para tanto, este trabalho estrutura-se em 4 capítulos. O capítulo 1 trata de várias questões sobre o profissional e sua prática, abordando questões como modalidade de interpretação e histórico, a fim de se compreender melhor a constituição do profissional e de sua atuação.

O capítulo 2 discute a teoria que constitui o método de coleta de dados, abordando uma visão histórica para que se conheça de onde surgiu sua organização; também é feita uma discussão sobre os pontos mais relevantes

discutidos, embasados em referenciais da autoconfrontação propostos por Yves Clot (2006, 2010, 2010).

O capítulo 3 apresenta os caminhos percorridos para se alcançar os objetivos propostos, com a apresentação dos participantes, do contexto de coleta de dados e da organização das etapas de pesquisa.

O capítulo 4 apresenta as análises dos dados coletados e as discussões à luz de nosso referencial teórico. Por fim, considerações finais são tecidas.

CAPÍTULO 1 – O INTÉRPRETE

Este capítulo aborda o campo da interpretação, especificamente sua modalidade entre a Língua Portuguesa e a Libras. Para se alcançar essa especificidade, faz-se necessário, primeiro, esclarecer os termos técnicos que serão utilizados, a fim de compreender o que vem a ser a interpretação, suas peculiaridades e o profissional responsável por ela.

Para tanto, apresentam-se algumas definições e paralelos que permitirão uma melhor compreensão sobre as atividades de interpretação e tradução. Em seguida, apresenta-se o intérprete, destacando brevemente o início de sua história e as características de sua atuação. Por fim, apresenta-se especificamente o intérprete de Libras (ILS)¹, também destacando sua história e particularidades, além da legislação vigente que respalda a atuação desse profissional.

1.1 Interpretação e Tradução

É comum encontrar a expressão “tradutor-intérprete” sendo usada como uma palavra composta, o que faz pensar que ambos os termos se referem a um único significado. No entanto, para os especialistas da área, há características em cada uma dessas atividades que as fazem bastante distintas.

Segundo Pagura (2003), no Brasil, alguns autores utilizam os termos tradução e interpretação como sinônimos. Isso talvez seja reflexo do uso do termo “tradutor-intérprete” pela Lei 5692/71 (Lei da Reforma do Ensino de 1971), que se referia às duas atividades como uma só. Outra explicação seria que, embora saibam que se trata de atividades diferentes, detêm a “ideia de que os fundamentos teóricos são, de fato, os mesmos tanto no processo de tradução como no da interpretação.” (PAGURA, 2003 p. 218). Percebe-se essa concepção na fala de Sobral (2008):

No campo dos estudos tradutórios, passou-se a distinguir entre modalidades de tradução, usando-se “traduzir” para designar a tradução de textos escritos, “interpretar” para designar a tradução de textos orais ou em línguas de sinais, [...] Na minha concepção, que é teórica e prática, e que pretende levar em conta tanto as especificidades como a generalidade, aquilo que há de comum a todas as especificidades, todas essas

¹ Intérprete de Língua de Sinais (ILS) é a nomenclatura escolhida para uso neste trabalho, mas outras nomenclaturas, como TILSP, aparecem em algumas referências utilizadas.

designações, quando restritas aos seus respectivos elementos centrais (texto escrito, texto oral ou sinalizado, letras de músicas e poemas, da língua-mãe do tradutor para outra língua), tomam a parte pelo todo, isto é, o que há de específico em cada tarefa de traduzir pelo que há de comum a todos os atos de traduzir. Traduzir, ou interpretar, ou verter, ou transcriar etc. são palavras usadas para destacar diferentes aspectos de um mesmo processo. (SOBRAL, 2008 p. 88).

Sobral (2008), do mesmo modo que Pagura (2003), afirma que os dois termos diferentes designam um único processo. Outra característica que aproxima ambas as atividades é a necessidade de domínio pleno dos dois idiomas envolvidos nos processos. Nesse caso, do tradutor é requerido domínio amplo da escrita e suas formalidades e, do intérprete, o domínio e fluência mais aprimorados no que tange a oralidade.

A distinção terminológica cumpre apenas um fim didático e só é valorizada mesmo por intérpretes e tradutores. As pessoas que assistem ao trabalho de interpretação, e o aplaudem, não ligam para isso. Para elas aliás é 'tradução simultânea' e pronto. Portanto, a escolha entre uma ou outra forma depende, em parte, de com quem estamos falando. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007; p. 26).

Mesmo sendo atividades que se originam de um mesmo processo, compreende-se que cada uma possui características próprias. Além da origem em comum, outra semelhança é a necessidade de ambos profissionais, tradutor e intérprete, terem uma boa compreensão de assuntos diversos e conseguirem expressar ideias relacionadas a eles, mesmo não sendo especialistas nesses assuntos. No contexto de conferências, essa necessidade fica ainda mais evidente, pois sua atuação pode acontecer em congressos dos mais variados temas. Mesmo que o intérprete atue em um evento de determinada área, as questões abordadas podem envolver uma extensa gama de conteúdo.

Como diferença significativa, pode-se apontar a necessidade de o intérprete conhecer as peculiaridades da fala oral de cada idioma, pois "as palavras ou sinais só têm sentido num contexto concreto, que é social e histórico e, portanto, diferente de cultura para cultura. Por isso, uma mesma palavra ou sinal pode ter mais de um sentido." (SOBRAL, 2008 p. 89). O intérprete atua em tempo real e não pode parar sua atividade para fazer pesquisas, perguntas ou tirar dúvidas, mas sim buscar uma correspondência imediata na LA. Já o tradutor, por trabalhar com textos escritos,

tem a possibilidade de fazer consultas, pesquisas, além de ter mais tempo para refletir.

Pagura (2003) aponta o ritmo em que se dá o trabalho como mais uma diferença. As atividades desenvolvidas na tradução e na interpretação são bem distintas se considerado o tempo, pois na primeira se tem mais tempo para executar a atividade. O autor traz o processo de análise e retenção de conteúdo, como sendo a diferença fundamental entre a tradução e a interpretação. Enquanto na tradução o texto de partida fica disponível e o tradutor pode consultá-lo sempre que quiser, na interpretação isso não ocorre, tendo o intérprete que redobrar a concentração no que está ouvindo, para poder processar a fala e expressá-la novamente na LA.

Pagura (2003, p.227), citando Seleskovitch, acrescenta “que a interpretação acontece numa velocidade ‘30 vezes maior’ do que o processo de tradução.”. Daí ser o tempo um ponto crucial, a diferença fundamental entre as condições de trabalho nas duas áreas.

As especificidades entre as atividades de interpretação e de tradução vão além das aqui apresentadas. Por não ser o foco principal do nosso trabalho, apresentam-se somente as características que contribuirão para que se alcance o objetivo proposto.

1.2 Interpretação Simultânea - IS

No intuito de se conhecer a interpretação simultânea, apresenta-se o histórico dessa atividade, tendo como base os estudos de Pagura (2003; 2010), que tratam especificamente do percurso da interpretação de conferência no Brasil. Ressalta-se que, no levantamento bibliográfico realizado para esta pesquisa, foram encontrados poucos estudos que tratam da atuação do intérprete em conferências, mesmo no contexto das línguas orais. Dessa forma, Pagura (2003; 2010) torna-se a principal fonte de referência.

Segundo o autor, somente na Primeira Guerra Mundial que a interpretação de conferência como se conhece atualmente teve início, pois as negociações internacionais utilizavam o francês como língua oficial da diplomacia e, em geral, contava-se com falantes dessa língua para as negociações. A partir da entrada dos Estados Unidos na guerra, a interpretação entre o inglês e o francês se fez

necessária, já que diplomatas americanos e britânicos não dominavam a língua francesa. Com isso, a interpretação consecutiva, que era a modalidade usada na época, teve um grande impulso.

A modalidade **consecutiva** é aquela em que o intérprete escuta um longo trecho de discurso, toma notas e, após a conclusão de um trecho significativo ou do discurso inteiro, assume a palavra e repete todo o discurso na língua-alvo, normalmente a sua língua materna. (PAGURA, 2003 p. 211, grifo do autor).

Pagura (2003) afirma que com a criação da Organização Internacional do Trabalho em 1919, a dinâmica das interpretações começa a mudar, devido à participação de alguns líderes sindicais que não dominavam nem o francês e nem o inglês. O reconhecimento da função de intérprete está ligado às grandes organizações internacionais – que por terem a necessidade de dialogar com falantes de diferentes línguas, sai em busca de soluções de interpretação mais apuradas, já que nesse cenário de tensão (guerras, relações sindicais, etc.) não é qualquer forma de relação/tradução que pode ser usada nas comunicações. Surge, portanto, a necessidade de combinar a interpretação consecutiva, já utilizada, com a interpretação cochichada, que seria precursora da interpretação simultânea.

Na interpretação consecutiva, o intérprete espera o locutor enunciar na LF e depois faz a interpretação para a LA. Em seguida, espera a resposta e procede da mesma forma. Essa modalidade de interpretação é mais utilizada em reuniões fechadas e com um pequeno número de pessoas, pois demanda um tempo maior para ser realizada.

O julgamento dos criminosos de guerra, em Nuremberg, ao final da Segunda Guerra Mundial, cria a necessidade de se fazer uma interpretação entre quatro línguas e a interpretação consecutiva, usada até então, não seria viável, por demandar muito tempo e pouco dinamismo. Assim, o Coronel Leon Dostert recebe a incumbência de resolver o problema, e a *International Business Machines* (IBM), visando fazer propaganda de seus produtos, empresta para ser usado no referido julgamento, um equipamento criado antes da guerra, mas não utilizado ainda.

O Coronel Dostert, responsável por providenciar todo aparato para que o julgamento pudesse acontecer sem problemas, conclama vários jovens intérpretes com experiência na interpretação consecutiva e pessoas com vasta competência linguística, mas sem nenhuma experiência com interpretação. Com esse grupo, ele

inicia um período longo e de árduas experimentações e treinos. Daí “surge o embrião do que viria a ser a interpretação simultânea como a conhecemos hoje em dia.” (PAGURA, 2003 p. 214).

Depois da guerra, o desafio de encontrar uma alternativa à tradução consecutiva em Nuremberg coube a Léon Dostert, que serviria como intérprete do general Eisenhower. Dostert estava convencido de que seria possível a uma mesma pessoa ouvir um discurso e transmitir a mensagem em outra língua ao mesmo tempo. Para ter certeza, deu início a uma intensa fase de experimentação. Seu trabalho foi em muito abreviado pela disposição da IBM de colocar em teste, gratuitamente, o sistema que vinha desenvolvendo desde a reunião da Liga das Nações, pouco antes. [...] Ciente de que o contato visual aumentaria as chances de êxito, Dostert cuidou para que os intérpretes fossem instalados em um ‘aquário’ bem próximo ao juiz e ao réu. Divididos em três equipes de 12 colegas, alternavam-se em turnos de 45 minutos, rigorosamente cronometrados, com direito a um dia de folga a cada dois trabalhadores. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007 p. 178-179).

Desde então, a interpretação simultânea (IS) passa a ser a modalidade de interpretação mais utilizada nas grandes reuniões internacionais. A IS deu mais dinamismo às reuniões e possibilitou que o número de nações participantes aumentasse. No caso das línguas orais, a simultaneidade demanda equipamentos², como cabine com intérpretes que se ajudam, microfones e fones de ouvido, de modo que apenas suas vozes cheguem à audiência.

A modalidade **simultânea** é a mais amplamente utilizada hoje em dia, embora só tenha se firmado no pós-guerra [...] Nessa modalidade, os intérpretes – sempre em duplas – trabalham isolados numa cabine com vidro, de forma a permitir a visão do orador e recebem o discurso por meio de fones de ouvido. Ao processar a mensagem, re-expressam-na na língua de chegada por meio de um microfone ligado a um sistema de som que leva sua fala até os ouvintes, por meio de fones de ouvido ou receptores semelhantes a rádios portáteis. [...] A interpretação simultânea não ocorre, de fato, simultaneamente à fala original, pois o intérprete tem necessidade de um espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão. Esse breve espaço de tempo recebe o nome tradicional de “*décalage*”, termo francês usado em todo o mundo. (PAGURA, 2003 p. 211-212, grifo do autor).

Muita atenção e técnica são exigidas do profissional nesse tipo de interpretação. O esforço mental despendido é grande e ele deve ter uma bagagem linguístico-cultural robusta em ambas as línguas, por isso não é aconselhável que intérpretes inexperientes atuem nessa modalidade em eventos de grande porte. A pressão da cobrança e o próprio esforço do trabalho podem levar o intérprete

² Recentemente, nas interpretações de LS também iniciou o uso de equipamentos em alguns espaços.

principliante a cometer erros que podem comprometer a mensagem a ser transmitida e, por conseguinte, sua atuação.

Vista de longe a tradução simultânea parece mágica. Vista de perto, parece loucura. O intérprete tem que ouvir e falar ao mesmo tempo, repetindo em outra língua palavras e ideias que não são suas, sem perder de vista o conteúdo, a intenção, o sentido, o ritmo e o tom da mensagem transmitida por seu intermédio. Não tem qualquer controle sobre a complexidade, a velocidade, a clareza ou a lógica do apresentador. Precisa atentar para a concatenação de seu próprio discurso, lembrando-se do ponto exato em que largou cada frase, para fechar com correção um parêntese aberto pelo palestrante em forma verbal subjuntiva. Precisa tomar decisões instantâneas, ininterruptamente. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007 p. 19).

A interpretação simultânea é complexa, difícil e cansativa, pois estão envolvidos nessa atuação não só escolhas, tempo e preparo, mas sim, pouco tempo, escolhas adequadas e preparo amplo sobre os mais diversos aspectos. Tudo isso sem esquecer o contexto em que estão inseridos os interlocutores e o próprio intérprete.

1.3 O Intérprete e sua atuação

O intérprete é o responsável por fazer com que comunidades distintas, que falam línguas diferentes, possam entrar em contato e manter uma comunicação. Ele deverá dominar as línguas em questão no ato interpretativo e não só conhecer as palavras nas duas línguas, mas saber usá-las de forma adequada, mantendo os sentidos pretendidos, para além da literalidade, pois se fosse diferente, estaria comprometendo uma das línguas no processo. Sua responsabilidade é grande frente às dificuldades que aparecem ao longo de sua atuação.

O tradutor exprime em outra língua aquilo que é expresso de uma dada maneira numa língua, levando em conta a correspondência entre os modos de expressão das duas línguas envolvidas. Isso implica que entender o que é expresso é entender, mais do que o texto ou o sentido das “palavras” e “frases” que compõem esse texto, tomados isoladamente, aquilo que o sujeito que produziu esse texto quer indicar sobre como se deve entender o que exprime: como afirmação, recusa, agressão, aceitação, ordem, obediência, brincadeira, etc.. para ficar numa descrição geral. (SOBRAL, 2008 p. 82-83).

O intérprete de conferência de qualquer língua trabalha em equipe. Um trabalho com laços pessoais bem marcados, com os profissionais fazendo

revezamento a cada 20 ou 30 minutos, devido ao alto grau de concentração necessário. Pagura (2003, p. 228) diz que o resultado de seu trabalho é quase imediato, pois se as perguntas ao final das falas interpretadas são feitas de forma inadequada, já se percebe que a interpretação não foi feita corretamente, da mesma forma que quando os questionamentos são feitos sem problemas, pode-se avaliar positivamente o trabalho do intérprete.

Essa é apenas uma forma de avaliar o trabalho do intérprete no contexto de conferências. Todavia, o desempenho do intérprete pode ser mais bem aproveitado se a audiência possuir algum conhecimento prévio acerca do tema, ou se o palestrante souber expor seu conhecimento de forma clara. Esse contexto é um complexo processo de articulação de três partes – palestrante, intérprete e audiência.

Além disso, o intérprete de conferência não tem a sua disposição o texto fonte indefinidamente, pois o tempo necessário para enunciar algo é rápido. Assim, faz-se necessária uma maior concentração, pois o tempo entre ouvir e ter que expressar a informação é curto e a continuidade da fala a ser interpretada faz seu trabalho mais árduo.

Como a comunicação é um processo dinâmico, a situação envolve mais que a mera substituição de palavras. A depender das línguas em questão, pode haver alterações estruturais e semânticas a compensar, além de expressões idiomáticas que não encontram correspondente imediato na língua de chegada. Há sempre alguma variação, e o intérprete se vê diante da necessidade não apenas de trasladar palavras, mas de adaptar conceitos. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007; p, 45).

Todo o processo de interpretação não acontece apenas no momento em que o profissional está atuando, mas sim desde a sua preparação, passando pelos estudos para se profissionalizar, pelos conhecimentos nas diversas áreas que têm contato e que precisa adquirir para atuar, até suas novas metas com relação ao trabalho, que podem advir de uma interpretação mais difícil ou de um tema em que precise se aprofundar.

Ainda sobre a compreensão da interpretação como um ato que vai além de verter uma palavra, outra teoria é destacada por Pagura (2003) – a “*théorie du sens*” ou Teoria do Sentido³, desenvolvida por Danica Seleskovitch. Essa teoria consiste

³ Essa teoria também é conhecida por “Teoria Interpretativa da Tradução (TIT)”.

em “um modelo teórico que se propõe a analisar os processos mentais envolvidos durante a interpretação de conferências, mas serve também à tradução escrita.” (MERODE, 2011 p.29). Três estágios constituem a base dessa teoria, como descreve Pagura (2003, p. 219):

1. Percepção auditiva de um enunciado linguístico que é portador de significado. Apreensão da língua e compreensão da mensagem por meio de um processo de análise e exegese;
2. Abandono imediato e intencional das palavras e retenção da representação mental da mensagem (conceitos, ideias, etc.);
3. Produção de um novo enunciado na língua alvo, que deve atender a dois requisitos: deve expressar a mensagem original completa e deve ser voltado para o destinatário.

Percebe-se que, com base nessa teoria, o intérprete primeiramente escuta enunciados cheios de significados, não se limitando às correspondências das palavras de forma descontextualizada. E a compreensão do que foi dito se dá por um processo de análise. Daí ser necessário um abandono intencional das palavras para que os significados isolados dessas não influenciem de forma limitadora sobre sentido daquilo que foi dito.

Os significados a serem produzidos não estão apenas nas palavras, mas sim no sentido que elas podem ter a depender do contexto em que foram expressas. E o intérprete deverá estar atento para buscar modos de dizer na LF, considerando o sentido pretendido da LA. Dessa forma, o intérprete produzirá o novo enunciado que deverá ser voltado ao público alvo, mas sem deixar de expressar de forma completa a mensagem original.

É a partir dessa concepção que a TIT [Teoria do Sentido] desenvolve seu modelo de IS, que passa por três fases – compreensão, desverbalização e verbalização – descritas a seguir:

I) Compreensão: A compreensão é a apreensão do sentido por meio de um processo interpretativo. Para que ela ocorra, como vimos anteriormente, não basta estabelecer uma relação direta entre línguas, mas deve haver uma visão global, que inclua elementos extralinguísticos nesse processo.

II) Desverbalização: [...] É aquilo que resta do que fora há pouco ouvido e processado pelo intérprete, mas não mais com as mesmas palavras, porém com a mesma ideia. Há, portanto, o abandono intencional do material linguístico, fica-se apenas com a retenção da representação mental. Isto é, à medida que se constrói o sentido, a forma desaparece, ocorrendo uma desverbalização. Essa carga de informação que permanece não possui

"materialidade linguística", mas é, em parte, fruto dela. Essa etapa é imprescindível para que se possa fazer a produção de um novo enunciado na língua alvo, que expresse a mensagem original e que seja voltado para um destinatário específico.

III) Verbalização: Essa etapa caracteriza-se pela passagem do não verbal ao verbal. [...] A verbalização, por sua vez, como materialidade linguística, deve contemplar a mensagem original completa na língua alvo. Para que isso ocorra, as unidades de sentido que se desverbalizaram, isto é, passaram de um estado de consciência a um saber latente e que foram armazenadas na "memória cognitiva", se materializam novamente, após um processo interpretativo, da soma de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos, e são expressas na língua alvo. (MERODE, 2011 p. 30 – 32, grifo nosso).

No contexto complexo de interação, o intérprete tem a difícil função de verter uma língua em outra, sem se deixar influenciar apenas por suas próprias bagagens culturais e históricas. Mas pensar que o intérprete pode deixar de lado quem ele é para desempenhar sua função, sem tudo o que o constitui como sujeito, é algo utópico. Porém, não se pode esquecer de que existem cuidados a serem tomados para que a atuação desse profissional aconteça da maneira mais coerente e focada no sentido a ser transmitido. Uma neutralidade total não é possível, pois todos são sujeitos constituídos por suas vivências e interações, as quais não podem ser subtraídas em momentos que se julgar necessários. É preciso que o intérprete esteja atento àquilo que o enunciador pretende dizer e ao sentido que é possível conferir ao discurso, levando em conta suas experiências culturais e como elas se interpenetram em seu ato interpretativo.

Em se tratando de indivíduos humanos que não podem se desprender do que são "é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido." (ARROJO, 1986, p.40).

Para Bakhtin (2009), uma produção escrita, ou uma palestra, é feita *para* alguém, um público específico, e mesmo que de forma inconsciente o percurso histórico-cultural do falante e do "ouvinte" é levado em consideração. Isso significa que "o discurso vem a existir fundamentalmente por meio de um processo de produção de sentidos realizado por, para e entre sujeitos." (SOBRAL, 2008 p. 59).

O entendimento dos sujeitos envolvidos no processo é fundamental para a compreensão do discurso. Nessa perspectiva, tem-se o conceito de fidelidade voltado para as intenções discursivas. Sobral (2008) traz um exemplo de fidelidade:

No âmbito dessa concepção, um texto da língua-fonte (LF – a língua da qual se traduz) que recorre a uma fábula a fim de demonstrar de modo mais concreto uma questão moral ou ética pode ser legitimamente traduzido pelo texto de alguma outra fábula, mais conhecida do público da língua-alvo (LA – a língua para a qual se traduz), desde que o sentido discursivo permaneça, no caso, o tipo de opinião que tem o autor sobre a questão moral ética envolvida, porque nesse caso **altera-se a materialidade do texto sem prejuízo da fidelidade à intencionalidade discursiva.** (SOBRAL, 2008 p.60, grifo nosso).

Destaca-se, nas afirmações de Sobral, o fato de que “altera-se a materialidade do texto sem prejuízo da fidelidade à intencionalidade discursiva.”. Não se tratam de palavras a serem vertidas, mas de sentidos que se pretende alcançar com as palavras, pois tanto para Sobral quanto para Seleskovitch, a fidelidade está ligada a intencionalidade discursiva e não a literalidade das palavras em si.

Além disso, as escolhas feitas pelo intérprete também devem levar em consideração quem é o enunciador, de onde ele fala, o que ele quer propor e, principalmente, para quem ele fala, pois os discursos são ditos para alguém, e se quer enunciar um texto pensado para um público específico. O intérprete, então, ao fazer suas escolhas, terá em mente todas essas questões, que influenciarão de forma decisiva sua atuação.

De fato, o intérprete não consegue manter-se completamente isento. Por mais imparcial que procure ser, acaba contribuindo com alguma coisa sua. Isso às vezes é feito conscientemente, as vezes não. Pode enriquecer a palestra, mas também levar ao seu empobrecimento. Contudo, de uma forma ou de outra, sempre acontece. Num nível muito profundo, pré-verbal, não somos senhores de nossas escolhas vocabulares. Somos reféns, muitas vezes, de nossas fixações e neuroses. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007; p. 54-55).

Além do domínio de dois ou mais idiomas na modalidade em que o intérprete vai atuar (oral/oral ou oral/gestual) e da capacidade de compreensão e expressão de ideias relacionadas às diferentes áreas do conhecimento, Pagura (2003) ainda cita a importância da memória para o fortalecimento de pressuposições contextuais, que são a base dos processos inferenciais

É através da memória que o intérprete poderá coletar informações em seus “arquivos mentais” sobre algo já vivenciado e com essa base, poderá optar pela melhor escolha para interpretar. Assim, “o tradutor é um especialista em textos,

escritos e falados, e tudo o que lê e ouve serve de material para suas traduções.” (SOBRAL, 2008 p. 95).

Os indivíduos e suas relações com a língua são determinantes nesse processo, pois a língua não pode ser pensada separada das interações humanas que a constituem enquanto língua.

A língua e seus usos ultrapassam o entendimento dela apenas como sistema, os seres humanos se constituem pela língua e nela reverberam a história e a ideologia, como também a comunidade e a língua com quem apreenderam conceitualmente o mundo. (SANTIAGO, 2013; p. 45).

A língua se faz por e para falantes dentro de um contexto histórico-cultural, que compartilham das mesmas convenções associativas entre significado e significante, para expressarem pensamentos e ideias. Ela não está pronta a espera de quem a use, mas sim, se atualiza à medida que é usada. “Toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*.” (BAKHTIN, 2009; p. 117, grifos do autor).

Assim, o intérprete deve pensar questões que envolvem a língua, todas suas relações e interlocutores, pois buscará em outro “mundo” cultural, linguístico e histórico, sentidos expressos em um determinado contexto. Portanto, o ato interpretativo envolve muito mais do que verter um discurso produzido em determinada língua para que seja compreendido em outra. Essa atuação deve levar em consideração vários fatores que não envolvem somente a língua, mas as relações que se estabelecem a partir dela e para além dela.

Por outro lado, as relações humanas, pessoais e profissionais são diversas vezes imprevisíveis, pois dependem do agir e pensar de cada indivíduo que está envolto por suas próprias experiências, que por sua vez influenciam suas ações. E é nessas ações que esse indivíduo busca informações sobre o como agir numa nova situação. Os intérpretes não são diferentes. Cada situação será encarada como nova e contornada com base em tudo o que já viveu, pois o que ele já conhece dá base às suas decisões.

1.4 O Intérprete de Língua Brasileira de Sinais - ILS

Nesta subseção, apresenta-se um pouco da trajetória do intérprete de Libras para que, ao se analisar suas escolhas, durante a atividade profissional, tenha-se em mente quem é esse profissional, conhecendo um pouco de sua história e formação, especificamente no Brasil.

No mundo há vários níveis de formação de intérpretes, desde aquelas que se dão no nível secundário até aquelas em nível de pós-graduação. A variação nos níveis de formação reflete o desenvolvimento sócio-político-cultural da comunidade surda nos diferentes países. A preocupação em melhor formar intérpretes emerge da participação ativa da comunidade surda na comunidade em que está inserida. (LACERDA, 2010; p. 30).

A comunidade surda com demandas sociais novas, com interesses de estudo e participação social mais ampla demandarão do ILS uma atuação mais apurada, pois deixam os seus nichos para falar ao mundo. Sua língua não é mais vista como sendo a marca da sua deficiência, mas sim a marca do seu reconhecimento social, enquanto cidadão de direitos. Assim, os intérpretes devem acompanhar o envolvimento social cada vez mais amplo da comunidade surda, pois sua atuação se dará pela necessidade comunicacional desses indivíduos em diferentes contextos.

Esse momento de maior visibilidade social é fruto de uma história de lutas por respeito, reconhecimento e valorização, e a figura do ILS se faz presente. Sua história é diferente daquela vivenciada pelos intérpretes de língua orais, pois seu tempo de atuação e motivações são diferentes, uma vez que as necessidades de seus interlocutores são outras. Os primeiros intérpretes de Libras surgem a partir da necessidade de comunicação familiar e do interesse pela evangelização das pessoas surdas por grupos religiosos. Logo, os primeiros indivíduos a exercerem essa função são os próprios familiares, os amigos e atuantes nas igrejas que buscavam evangelizar esse público.

Os ambientes religiosos, por necessidade de propiciar acesso à doutrina à comunidade surda, favorecem a aprendizagem e desenvolvimento da fluência em Libras criando condições para que pessoas interessadas atuem como intérpretes mediando situações mais ou menos formais entre surdos e ouvintes. Deste modo, o intérprete se molda às demandas da prática e vai constituindo-se como TILS nas e pelas experiências vivenciadas. (LACERDA; GURGEL, 2011 p.483).

O exercício da função emerge a princípio sem organização, sem parâmetros claros ou qualquer formação formal. Os interessados aprendiam a usar a Libras com os surdos ou com colegas ouvintes que já sabiam Libras e exerciam a função de intérpretes espontaneamente, aprendendo no convívio, sem nenhum tipo de sistematização. Nesse ponto, percebem-se aproximações com o início da formação dos intérpretes de língua orais, em que,

Esses intérpretes foram “formados” pelo método “*sink or swim*”, expressão em inglês que significa literalmente “afogue-se ou nade”, e que se refere ao fato de que os intérpretes simultâneos eram colocados na cabine para interpretar sem que recebessem previamente qualquer treinamento formal. (PAGURA, 2003, p. 216).

Dessa maneira, o início da atuação dos intérpretes de Libras se deu de modo informal, a partir das demandas que os surdos traziam aos intérpretes, e permaneceu nessa informalidade, já que nem surdos nem intérpretes demandavam a necessidade de formação, pois se acreditava que bastava saber a língua, o que retardou a construção de uma formação adequada.

A formação existente por muito tempo ficou a cargo da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS que promovia cursos tanto para instrutores surdos, como para intérpretes. Mas com a oficialização da Libras, através da Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) e sua consequente regulamentação no país, com o Decreto 5.626/2005, surge um norte para a formação desse profissional, especialmente no capítulo V do Decreto, que trata da formação do ILS, e diz em seu Art. 17: “A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.” (BRASIL, 2005).

Com a aprovação do referido Decreto, teve início no país os primeiros cursos de Letras/Libras oferecidos pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, na modalidade à distância, como projeto especial com aporte financeiro da Secretaria de Educação a Distância (SEAD) e Secretaria de Educação Especial (SEESP) do MEC em 2006 e da CAPES em 2009 (QUADROS, 2014; p.10). As primeiras turmas foram de licenciatura, com o objetivo de formar professores para as disciplinas de Libras (concluídas no ano de 2010) e, posteriormente, além das vagas

para licenciatura, foram ofertadas turmas de bacharelado, com o objetivo de formar intérpretes de Libras.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) assume o compromisso de formar professores, tradutores e intérpretes de Libras em todo o país, com cunho multiplicador. O objetivo é disseminar essas formações em parceria com instituições de ensino superior, potenciais formadores nessas áreas de atuação. (QUADROS, 2014; p.192).

O Decreto 5.626/2005, que regulamenta as Leis 10.098/2000 e a 10.436/2002, traz avanços no que diz respeito à formação dos intérpretes de Libras. Esse Decreto aponta o intérprete de Libras atuando na educação e focaliza questões formativas desse profissional, especificando os critérios e normas para a sua formação, tanto em nível médio, quanto superior. O Decreto “indica o reconhecimento da profissão em igualdade com os tradutores e intérpretes de outras línguas e o reconhecimento da importância dessa formação ser realizada por meio de curso superior, até então pouco frequente na área.” (LACERDA, 2012 p. 263).

Cinco anos posteriormente ao Decreto 5.626/05 é promulgada a Lei 12.319/10 (Lei do intérprete) que legisla especificamente sobre a profissão de tradutores e intérpretes de Libras, e traz especificações de formação em seu Art. 4:

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:
I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;
II - cursos de extensão universitária; e
III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.
Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III. (BRASIL, 2010).

As especificações sobre a profissão na lei do intérprete (Lei 12.319/10), diferente do Decreto 5.626/05 não exigem uma formação em nível superior, se atendo apenas à formação de nível médio - o que se considera um retrocesso, já que as especificações sobre uma formação em nível superior são importantes para nortear futuras seleções e contratações de profissionais com qualificações para cada nível de atuação. A ausência da exigência de formação superior na legislação possibilita, por exemplo, a contratação de profissionais com nível médio para atuar com alunos da graduação.

Observando outros aspectos legais sobre a atuação do intérprete, encontra-se no Art. 7 da Lei do intérprete referência aos itens fundamentais da atuação desse profissional, no Inciso III, que este deve zelar “pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir.”.

Todas as profissões (ou a maioria) possuem um código de ética escrito, sob o qual se orientam as ações profissionais para o bem de toda a comunidade. Não poderia ser diferente para o intérprete. Como esse é responsável por estabelecer o diálogo entre pessoas que não dominam a língua um do outro, o papel do intérprete ganha poder, pois o que ele disser que o outro disse tem valor de verdade e essa atuação pode servir para ajudar pessoas, mas também para prejudicá-las. Logo, é notável o grande interesse pelo código de ética no campo da interpretação, com o qual se busca conter qualquer desvio de conduta indesejado. A exigência de um profissional ético parece ser muito adequada, mas confundir ética com imparcialidade e fidelidade pode ser bastante problemático (CHAUI, 2000).

O Ministério da Educação (MEC) distribuiu uma publicação que trata sobre os intérpretes de Libras, em que se encontra um item “código de ética”, numa tentativa de nortear a atuação desse profissional.

2o. O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo;

3o. O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar-se dos limites de sua função e não ir além de a responsabilidade. (QUADROS, 2004; p. 32).

Porém, esse documento não traz mais discussões sobre quais são os limites que o intérprete não deve ultrapassar, apenas cita uma lista de setenta e cinco situações que o intérprete poderá enfrentar em seu dia-a-dia profissional e sugere que sejam refletidas e discutidas individual e coletivamente, com base nos princípios éticos do código. Uma lista tão extensa de situações indica justamente a dificuldade de circunscrever o que se deve ou não fazer, ou seja, a dificuldade de se prever como agir no cotidiano das relações sociais – tema amplo e em aberto, que sempre demandará debate no âmbito da formação do intérprete.

Percebe-se que o intérprete de Libras conta com aparato legal, tanto para sua atuação (Lei 12.319/10), quanto para sua formação (Decreto 5.626/05). Porém,

o que está previsto na legislação precisa ser criado/implementado, e os cursos de nível superior, por exemplo, ainda são poucos no Brasil. Segundo Martins e Santos (2014, p.65), atualmente existem apenas sete cursos de bacharelado para formação de tradutores intérpretes de Libras com cadastro no MEC (Ministério da Educação e Cultura)⁴. Com isso, a formação do intérprete, em sua maioria, fica vinculada a cursos livres, especializações, ou até mesmo através da prática em situações de interpretação, sem conhecimentos adequados para exercer a atividade.

Lacerda (2012) ainda chama atenção para o Art. 18 do Decreto 5.626/05 que especifica a possibilidade de formação de intérpretes de Libras, em ensino médio, através da educação profissional, extensão universitária e formação continuada, promovidos por Instituições de Ensino Superior (IES) e instituições credenciadas por secretarias de educação, além da formação que pode ser feita por organizações da sociedade civil. Porém, o que era uma possibilidade de formação no Decreto 5.626/05 se torna a única possibilidade de formação prevista na Lei do intérprete (Lei 12.319/10).

Com a vigência do decreto, as IES pouco ou nada se preocuparam com a formação em nível médio, através das extensões universitárias ou educação profissional. Seu foco ficou nas ofertas de especializações, pois se trata de cursos de média duração, que traz retorno financeiro para as instituições privadas e também para algumas instituições públicas. Apesar da oferta durante os dez anos, conforme exigência do decreto para implementações de ações pelas IES, pouco ou quase nada se viu, que realmente contribuísse com a formação do profissional em questão.

Além do Art. 18 do Decreto 5.626/05, Lacerda (2012) também atenta para o fato de no Art. 19, do mesmo Decreto, um prazo de 10 anos ser aberto, caso não haja profissionais segundo os critérios de formação, para uma certificação que permite a surdos e ouvintes fluentes na Libras, atuarem de forma profissional, por meio de um exame de proficiência (Prolibras) realizado pelo MEC. Cabe destacar que esse exame tem o objetivo de certificar e não de formar profissionais. Com essa certificação, muitas pessoas que já atuavam como intérpretes alcançaram um documento legal para seguirem atuando, mesmo sem uma formação específica.

⁴ Um curso na modalidade presencial nas seguintes universidades: UFRJ, UFRR, UFMT, UFES, UFSCar, UFG e UFSC. E um curso na modalidade à distância na UFSC.

Essa certificação foi oferecida em sua última edição, em 2015, e as pessoas que foram certificadas até então estão habilitadas a atuar por tempo indeterminado. Mas como já foi dito, essa certificação não substitui a importância de uma formação específica e aprofundada.

Ainda sobre o Decreto, a autora destaca o capítulo VI, que trata da “garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva.”. Atenta-se para o inciso II do Art. 22, que diz:

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005).

Nesse sentido, a área educacional é a de maior inserção de intérpretes de Libras atuantes, constituindo-se como *locus* de maior possibilidade de trabalho. “A escola vai se constituindo, assim, não apenas como um *locus* privilegiado onde produz e propicia a cultura, mas também como um grande mercado de trabalho e de consumo de inúmeros produtos cada vez mais complexo e diversificado.” (ALBRES, 2011 p. 2155). Por conta do crescimento do número de surdos que ingressam na escola, cada vez mais cedo e dos que conseguem alcançar maiores níveis educacionais, o campo da educação é o de maior expansão.

Paralelamente a esse início de organização dos intérpretes de LIBRAS no Brasil, constata-se, nos últimos anos, um aumento no número de surdos frequentando universidades, ou, talvez, seja mais adequado pensar que o crescente ingresso de surdos no ensino superior tenha colocado aos intérpretes a necessidade de melhor se organizarem para responder a essa nova demanda. Sem dúvida, um importante impulso à continuidade dos surdos nos estudos é o direito de terem intérpretes em sala de aula, garantido pela recente legislação referente à acessibilidade de “pessoas portadoras de deficiência” e ao reconhecimento da LIBRAS como meio legal de expressão e comunicação das comunidades surdas brasileiras. (HARRISON, 2006; p.50).

Em seu estudo, Albres (2011) mostra a relevância que a área educacional tem para a atuação do intérprete de Libras, mas destaca também que sua atuação pode ser realizada em muitos outros locais, inclusive em conferências, foco do estudo aqui proposto.

Assim, a área educacional não é o único campo de atuação do ILS em expansão. Outros campos também crescem, mas com menos rapidez. Um desses campos de expansão é o contexto de conferência que, apesar do crescimento, ainda se constitui como um trabalho complementar, pois os organizadores de eventos nem sempre estão atentos para a necessidade de garantir a acessibilidade às pessoas surdas.

Muitas conferências são realizadas todos os dias no país: congressos da área empresarial, *workshops*, eventos científicos, etc. São inúmeros temas, que atraem o interesse de um público amplo e variado. Entretanto, são poucos os eventos que oferecem acessibilidade às pessoas surdas, o que contribuiu para que essa parcela da população permaneça excluída de diferentes formas e em vários contextos, por falta de acesso a comunicação.

Outro aspecto a ser ressaltado é que a conferência é um momento de exposição de ideias e de atualização científica, que dependendo do evento pode conter apresentações de diferentes áreas do conhecimento. E, nesse sentido, o contexto de interpretação em conferência exige do intérprete uma gama de conhecimentos prévios e preparo específico com relação ao próprio trabalho. Além disso, os intérpretes são geralmente colocados em um ritmo de trabalho intenso, em função do conteúdo a ser interpretado e pelo tempo de atuação.

O intérprete tem de se haver com conteúdos e dinâmicas acadêmicas até então desconhecidos por ele, principalmente ao se lembrar de que grande parte dos intérpretes profissionais não cursou uma faculdade. (HARRISON, 2006; p.50).

Levando em consideração que a realidade da atuação do intérprete é marcada por suas escolhas linguísticas, que estão estritamente ligadas às suas vivências, a constante preocupação com suas escolhas e a busca por uma atuação de qualidade demanda um alto esforço mental. E para além dessa situação, o intérprete precisa ainda lidar com um alto grau de cansaço físico, que é proveniente da quantidade de horas em pé, pois mesmo que haja intervalos, esses não são considerados descanso, já que mesmo que não esteja de frente para a plateia, ele permanece em frente ao colega de trabalho, ainda atento a palestra, dando apoio⁵

⁵ Vale ressaltar que a realidade do intérprete de apoio é recente e geralmente encontrada em conferências, pois a realidade dos intérpretes educacionais é comumente solitária.

ao colega. Essa situação é amenizada quando o evento conta com pelo menos três intérpretes atuando no mesmo local, o que não é o mais comum.

A dificuldade que intérpretes possuem em conseguir os resumos ou apontamentos referentes ao que será exposto nas palestras com alguma antecedência é outro ponto a ser discutido. Esse material é muito importante para os intérpretes, pois lhe ajuda a se preparar melhor. Mas por vários motivos, nem sempre é possível obtê-los previamente, já que os intérpretes dependem da intermediação dos organizadores do evento com os palestrantes e comumente esse material não chega às mãos do intérprete a tempo.

Ainda, além de todos os pontos discutidos com relação à IS, ressalta-se o grande destaque visual com o qual o intérprete terá que aprender a lidar. O profissional estará à frente do auditório, geralmente ao lado do palestrante, sendo observado e, muitas vezes, julgado por pessoas da plateia, o que dificulta sua concentração e poderá comprometer sua atuação, caso ele não tenha segurança ou experiência.

E mais, é comum que o intérprete posicionado à frente da plateia não tenha o auxílio de mecanismos eletrônicos, o que torna mais difícil visualizar o palestrante, ou o que se passa no palco, criando obstáculos para sua adequada atuação.

Assim, o intérprete pouco preparado para atuar, poderá fazer escolhas inadequadas, prejudicando o público alvo do discurso. Essas escolhas, na situação dinâmica de conferência, não são analisadas posteriormente, pois o momento passa e a memória não retém muitos detalhes da interpretação que permitam uma reflexão posterior.

Desse modo, considera-se a formação inicial e continuada fundamental para o desempenho da função de intérprete, para que esse possa adquirir estratégias de atuação adequadas. Entretanto, é necessário pensar de que forma é oferecida a formação do intérprete de Libras, não só em relação aos aspectos legais (número de horas, nível de ensino), mas nos modos como esses cursos são planejados, nas estratégias usadas para formar um profissional que precisa ter conhecimentos tão diversos, dada a demanda de atuação. Ou seja, é preciso pensar em como formar e não só quando e onde formar.

CAPÍTULO 2 - AUTOCONFRONTAÇÃO

Neste capítulo, aborda-se a teoria da autoconfrontação simples, por considerá-la alicerce para o estudo sobre o intérprete de língua de sinais. Para melhor compreendê-la, a fim de se alcançar os objetivos desta pesquisa, buscou-se suas origens e principais características, além das bases teóricas propostas por autores comprometidos com essa abordagem.

2.1 Percurso histórico

A autoconfrontação é proposta por Yves Clot, psicólogo responsável pela equipe da Clínica da Atividade em Paris em que também é professor, investigador e titular da disciplina de psicologia do trabalho no *Conservatoire National des Arts et Métiers* (CNAM). Nesse mesmo local desenvolve suas atividades “com o objetivo de tentar compreender as condições teórico-metodológicas que possibilitam a **análise psicológica do trabalho.**” (SANTOS, 2006, p. 34, grifo da autora).

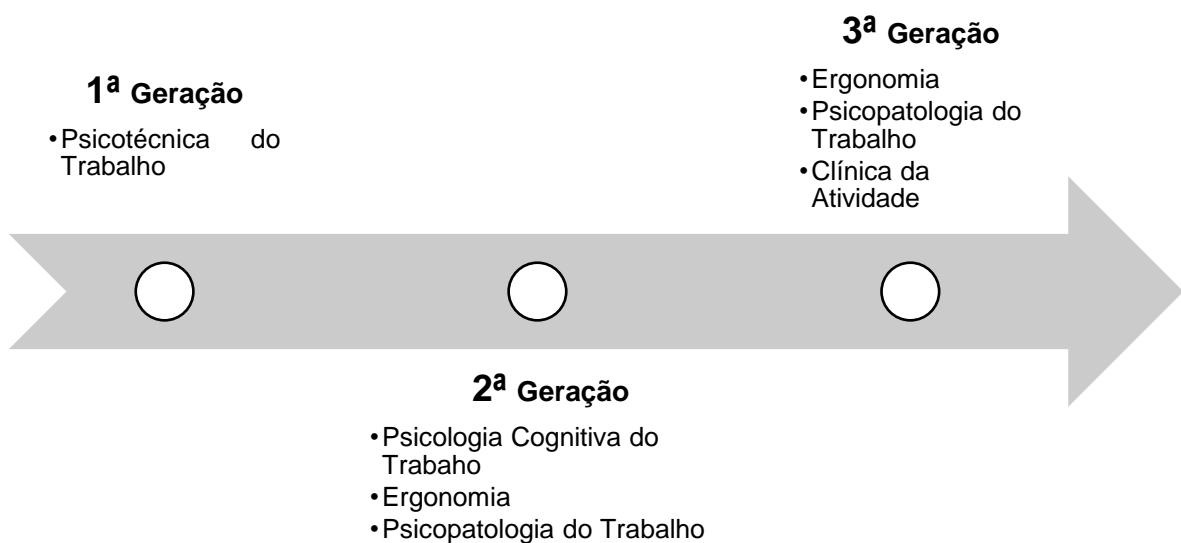
Esse método, que utiliza a imagem como suporte das observações, pode ser descrito em quatro fases: constituição do grupo de análise, autoconfrontação simples, autoconfrontação cruzada e extensão do trabalho de análise ao coletivo profissional [...]. Na fase da autoconfrontação simples, são registrados em vídeo as sequências de atividades de cada dupla ou membro do grupo e os comentários que o sujeito, confrontado às imagens de sua própria atividade, faz na presença do pesquisador (autoconfrontação simples: sujeito/ pesquisador/ imagens). (SOUZA-E-SILVA, 2004; p. 101).

O autor desenvolve suas atividades levando em consideração a história de seu campo de produção. Para ele, os teóricos que o antecederam, permitiram a ele introduzir-se no ofício que exerce atualmente. Assim, dando a devida importância para a história do método utilizado, faz-se aqui uma pequena volta ao passado para se compreender a Clínica da Atividade desenvolvida por Clot e seus colaboradores. Para esse fim, destacam-se alguns pontos proferidos em palestra pelo próprio Yves Clot em 2007, na Universidade Federal Fluminense, na qual faz uma retomada histórica, antes de pontuar suas próprias concepções sobre a psicologia do trabalho e seu lugar histórico enquanto pesquisador.

O caminho histórico percorrido por Clot é feito através da análise de três gerações de psicólogos do trabalho francofônicos e suas respectivas contribuições

para a psicologia do trabalho, como sintetiza a Figura 1. Assim, ele destaca a Primeira Geração, a qual nomeia como Psicotécnica do Trabalho; a Segunda Geração, a qual divide em três correntes que criticam a primeira geração, (i) a corrente da Psicologia Cognitiva do Trabalho, (ii) a da Ergonomia e (iii) a da Psicopatologia do Trabalho; e a Terceira Geração, que retoma aspectos da Ergonomia e da Psicopatologia do Trabalho, e apresenta a Clínica da Atividade.

Figura 1 – As três gerações da Psicologia do Trabalho



(Fonte: elaboração própria).

A história da análise do trabalho começa com o início do século XX, entre os anos de 1900 e 1910. A primeira geração de psicólogos destacada por Clot precedeu a chegada da Organização Científica do Trabalho (OCT) ou Taylorismo que se constituiu como um

método de racionalizar a produção, logo, de possibilitar o aumento da produtividade do trabalho 'economizando tempo', suprimindo gestos desnecessários e comportamentos supérfluos no interior do processo produtivo, o sistema Taylor aperfeiçoou a divisão social do trabalho introduzida pelo sistema de fábrica, assegurando definitivamente o controle do tempo do trabalhador pela classe dominante. (RAGO, 2003 p.10).

Nessa primeira geração, ele destaca os nomes de Suzanne Picaud e Jean Maurice Lahy, pesquisadores humanistas, com fortes preocupações sociais, que

revolucionaram sua época ao criar a Psicotécnica do Trabalho. “Foram psicólogos que decidiram sair do laboratório, para se situarem no interior das fábricas e aí compreender o comportamento do homem em ação.” (CLOT, 2010 p. 209).

O início do trabalho dessa geração foi importante, pois foi sensível à ideia de que a atividade humana não é somente o que se pode observar ou o que foi previsto para ser executado, mas é também aquilo que não foi feito. Na Clínica da Atividade, define-se a distinção entre a *atividade realizada* e o *real da atividade*. A primeira é o que se vê, a atividade executada, enquanto que o real da atividade é tudo o que não foi feito, mas que também faz parte da atividade.

A atividade é aquilo também que não se pode fazer, aquilo que não se faz, que gostaríamos de ter feito, é aquilo que guardamos no estômago, é a atividade (re) engolida, impossível, as atividades suspensas, as atividades impedidas. Não foi realizado, mas faz parte da atividade. (CLOT, 2010 p. 226).

Outro ponto de destaque nessa geração de pesquisadores é o uso de métodos originais de observação do trabalho, hoje abandonados. Eles acreditavam que só poderiam compreender o trabalho alheio se eles mesmos o realizassem. Portanto, “Suzanne Pacaud e Maurice Lahy foram pessoas que trabalharam com condutores de trem, e também com telefonistas, assim como também com trabalhadores de diversos outros ofícios.” (CLOT, 2010 p. 209). Esse modo de pesquisar colocava o pesquisador numa perspectiva diferente e permitia análises bastante inéditas para seu tempo.

Clot (2010, p. 210) ainda destaca que os autores precursores da Psicotécnica do Trabalho queriam “apreender o que se denominava ‘aptidões’ dos trabalhadores, o que atualmente chamaria-se de ‘competências’. Eles tentaram, de certo modo, descrever o trabalho por uma forma de observação centrada no próprio trabalho.”.

Esse início promissor da Psicotécnica do Trabalho deu lugar a um caminho que enfatizou menos o trabalho e seguiu um curso diferente. Tornou-se a Psicotécnica da aptidão, dos testes, e após a Segunda Guerra Mundial, passou a ser usada como um instrumento de generalização do Taylorismo.

Uma análise do trabalho, como concebida inicialmente, deu lugar à busca pela adequação da pessoa em função do posto de trabalho a ser ocupado por ela. “Portanto, a Psicotécnica tornou-se um instrumento de seleção e ela acabou, como

dizia Suzanne Pecaud, na ‘testomania’.” (CLOT, 2010 p. 211). Essa geração se perdeu ao se voltar contra os trabalhadores, não os deixando serem sujeitos da ação, mas sim objetos de seleção.

A Segunda Geração vem de encontro às ideias da primeira, não de seu início, mas sim daquilo que ela se tornou. Dentro dessa nova geração, há três grandes correntes, a Psicologia Cognitiva do Trabalho, a Ergonomia e a Psicopatologia do Trabalho, que criticam a Psicotécnica por ter feito desaparecer a análise do trabalho. Todas elas se desenvolvem no mesmo período, com debates entre seus teóricos que divergiam em alguns pontos.

A primeira corrente que se destaca é a Psicologia Cognitiva do Trabalho, sendo representada por Faverge e Leplat. Essa corrente tem como ponto de partida as críticas de Faverge à geração precedente. Suas críticas consistiam em romper com a ideia de que as aptidões estão prontas na cabeça do sujeito, sendo acessíveis através de testes.

Assim, as aptidões estão na situação mesma do trabalho, nos problemas de cada situação. Não há como prever as atitudes, como um trabalhador irá desempenhar suas funções. Isso dependerá das suas reações a cada situação, permitindo que esse trabalhador recrie sua aptidão. “Portanto, diz Faverge, a análise do trabalho entra com as aptidões, mas ela deve retornar à situação, pois é na situação que se encontram as raízes da competência.” (CLOT, 2010 p. 212). Essa ideia cria a distinção conceitual entre o que seria “tarefa” e “atividade”.

A tarefa é o que está por se fazer; como esses psicólogos, Faverge e Leplat, são gente de campo (empírico) eles entenderam que entre o que há a ser feito e aquilo que se faz realmente para chegar àquilo que se quer fazer, há um mundo. É necessário pensar a atividade. (CLOT, 2010 p. 212).

Assim, a corrente da Psicologia Cognitiva entende que o sujeito não é algo que carrega as aptidões, mas sim um sistema de tratamento das informações. Observa-se que essa conceituação não se limita às aptidões, pois já considera a existência de um sujeito, que é visto como um instrumento, simples organizador das aptidões, como um computador que gerencia informações que lhe são acrescentadas.

Esse é um sujeito epistêmico, intelectual. É trazer o sujeito a um sujeito intelectual, é um sujeito desencarnado, poderia mesmo dizer que essa

psicologia cognitiva do trabalho desenvolve uma concepção desencarnada do sujeito. É um sujeito sem corpo. Um sujeito que não se coloca problemas de saúde, por exemplo, um sujeito que não é afetado pelas situações, mas é um sujeito que trata as situações. (CLOT, 2010 p. 213).

Esse sujeito sem corpo é o maior problema dessa corrente, aponta Clot.

A Ergonomia, outra corrente dentro da segunda geração, é representada por Alan Wisner⁶, médico preocupado com as questões de saúde dos trabalhadores, saindo do foco psicológico, proposto pela psicologia cognitiva. Wisner tinha um compromisso com o social, e em função disso seu foco de interesse está no sujeito, “um sujeito social, em situação de trabalho real, que sofre também sua condição social.” (CLOT, 2010 p. 213). Para ele, as aptidões deveriam ser pensadas não a partir de julgamentos do sujeito, mas sim das condições sociais que produzem tais aptidões. “Para Wisner, o trabalho não se faz consumindo as aptidões. No trabalho se mobilizam as aptidões. O trabalho fabrica aptidões, não faz somente utilizar aptidões.” (CLOT, 2010 p. 214).

Wisner utiliza os termos “trabalho prescrito” e “trabalho real”, no lugar de “tarefa” e “atividade”. Para ele, de forma resumida, o “trabalho prescrito” são as exigências⁷ sociais sobre o trabalho humano, e o “trabalho real” vai além das atividades cognitivas.

Wisner se preocupa com a saúde no trabalho e poderia se dizer que, para Wisner – isso é discutível, [...] para Wisner há uma coincidência entre “atividade” e “saúde”. “Saúde” e “atividade” são sinônimos, porque “atividade” para Wisner é se sentir ativo. Não é simplesmente fazer alguma coisa, é se sentir ativo e isso não é a mesma coisa. Sentir-se ativo é sentir-se sujeito em um meio, sujeito de uma organização, e não somente objeto de uma organização. Portanto, sentir-se ativo é precisamente diminuir o distanciamento entre isso que é necessário fazer, isso que está previsto, que te é exigido pela prescrição, e aquilo que é mais que a realidade, na qual é necessário inventar meios de fazer as coisas, apesar de tudo. (CLOT, 2010 p. 214).

Essa corrente traz uma visão positiva do trabalho humano. Ele deixa de ser um local de executar tarefas para ser um lugar de criação, invenção. Um lugar de atividade, mesmo em meio ao sofrimento, que não deixa de existir e nem é ignorado pelos pesquisadores. “O trabalho é qualquer coisa que faz transpor o fosso entre o

⁶ A escrita correta do nome do autor referido é “Alain Wisner”, mas se optou por manter como consta no artigo base para esses dados.

⁷ No artigo citado o termo utilizado é mantido no original “*contrainte*”, que é comumente traduzido por “exigências”, mesmo sendo esse termo limitado para o que significa o original.

que é exigido e a realidade da vida, é a inteligência do trabalho.” (CLOT, 2010 p. 215). Há nessa corrente um encantamento com o trabalho. A Ergonomia tem como foco de seu estudo a observação em situação de trabalho real, carregado de minúcias.

A Ergonomia nasceu, portanto, num contexto no qual a atividade concreta dos homens e das mulheres no ato de trabalhar e a maneira como o realizam nunca estiveram efetivamente em jogo nas relações sociais. Recusando essa abordagem mecanicista segundo a qual o homem, como a máquina, pode ser reduzido à atividade que executa, a Ergonomia aborda a atividade de trabalho como elemento central organizador e estruturante dos componentes da situação de trabalho. A atividade é uma resposta às prescrições determinadas exteriormente ao trabalhador e, simultaneamente, ela é susceptível de transformá-la. Ela estabelece, portanto, por sua realização mesma, uma interdependência e uma interação estreita entre seus componentes. (SOUZA-E-SILVA, 2004; p, 89).

Na mesma época, surge outra corrente de pesquisa, a Psicopatologia do Trabalho, cujo destaque é o psiquiatra Louis Le Guillant que, junto a outros colegas, saiu da guerra nos anos 1950 com o intuito de fazer uma psiquiatria social. Esses psiquiatras, em especial Le Guillant, desenvolveram suas atividades com trabalhadores que os procuram num momento extremo do Taylorismo.

Le Guillant, tendo conhecido experiências similares, estava muito atento à função do trabalho, pode-se dizer à função psicológica do trabalho, a função psíquica do trabalho. Portanto, quando os trabalhadores nos anos 1950, verdadeiramente sobrecarregados pela taylorização, vinham solicitar-lhe um suporte na crítica à condição de existência no trabalho, Le Guillant estava muito atento aos trabalhadores e é por isso que ele foi o iniciador da psicopatologia do trabalho. (CLOT, 2010 p. 217).

É importante destacar que, durante a Segunda Guerra, Le Guillant e outros psiquiatras, para dar uma chance de vida aos loucos internados em hospitais psiquiátricos, os liberaram durante os bombardeios ocorridos e, diferente do que se esperava, esses internos acabaram se inserindo bem na vida cotidiana, vivenciando os mesmos dramas que o restante da população. Com base nessa vivência, após a guerra, eles realizaram a liberação de internos de hospitais psiquiátricos, com o objetivo de acompanhá-los na vida social e analisar as consequências dessa conduta. Eles puderam observar que muitos conseguiram encontrar saúde mental no convívio com o coletivo, vivendo as mesmas lutas e impasses das outras pessoas.

Esses psicopatologistas do trabalho trazem uma nova visão sobre o trabalho. Diferente de Wisner, eles não veem um lado positivo do trabalho e sim um lado negativo. “(...) O trabalho faz mal, torna as pessoas doentes e loucas.” (CLOT, 2010 p. 218). Tendo vivenciado a experiência da guerra e depois conhecido as situações opressoras de trabalho da época nas grandes fábricas, esses psiquiatras criam a ideia da fadiga nervosa, desenvolvida em decorrência da sobrecarga e das condições insalubres de trabalho. Mesmo em paralelo com outras correntes, Le Guillant se interessa pela maneira como os trabalhadores suportam as condições adversas. Surge então a ideia de um sistema de defesa profissional. “Às vezes é necessário fechar os olhos, esquecer, não refletir ao que se passa conosco para poder suportar essa situação. De certa forma se anestésiar, a anestesia psíquica como meio de suportar sua condição.” (CLOT, 2010 p. 218).

Le Guillant sublinha que o trabalho não é simplesmente uma atividade, enquanto que em Wisner há essa espécie de invenção da atividade, Le Guillant diz não, o trabalho não é simplesmente uma atividade, o trabalho é uma condição, trata-se de uma condição social. Quando se é operário de usina ou telefonista, não estamos somente agindo para realizar uma tarefa. Estamos submetidos a uma condição social na qual estamos colocados e na qual há alienação. Podemos dizer: a psicopatologia do trabalho descobre a clínica da alienação. (CLOT, 2010 p. 218).

Outra ideia a se destacar no trabalho de Le Guillant é a noção de ressentimento. Essa noção foi desenvolvida num trabalho chamado “As empregadas domésticas”. Ele analisa de forma muito sutil a relação entre patrões e empregadas e os sentimentos que rodeiam essa relação. “Le Guillant fez um grande texto sobre isso, que assinala o ressentimento, quer dizer, o re-sentimento - o sentimento sobre sentimentos. É esse ressentimento que no fundo está na origem da doença mental.” (CLOT, 2010 p. 219).

Para alcançar seus objetivos, a Psicopatologia do Trabalho está muito mais interessada na fala de seus sujeitos, no que eles tem a relatar, e se preocupa menos com a necessidade de praticar qualquer tipo de observação nos ambientes de trabalho.

A Terceira Geração de estudos sobre o trabalho, da qual Clot faz parte, requer um tratamento conjunto de aspectos da Ergonomia e da Psicopatologia do Trabalho para explicar seu surgimento. Em primeiro lugar, destaca-se que a Ergonomia tem seu foco na atividade enquanto a Psicopatologia do Trabalho na

subjetividade. Em segundo lugar, a Ergonomia utiliza a observação em situação de trabalho, enquanto a Psicopatologia do Trabalho não pratica nenhum tipo de observação, ela usa a escuta, a palavra, o diálogo, a troca. “Temos aí duas diferenças. De um lado, a atividade e, de outro, a palavra. Portanto, em resumo, atividade de um lado e subjetividade, de outro. Observação em situação e escuta, do outro lado.” (CLOT, 2010 p, 220).

Nesse contexto, Clot (2010) define suas contribuições para a terceira geração, mas lembra que não está sozinho nela e muito menos é o representante de toda uma geração que conta com inúmeros profissionais qualificados e que desenvolvem importantes trabalhos na área. O autor, para iniciar suas considerações sobre a Clínica da Atividade, reforça que a compreensão histórica é fundamental para creditar a todos os pesquisadores seu papel no estágio atual dos estudos do campo da psicologia do trabalho. Clot destaca dois problemas a serem pensados: o primeiro é o problema da concepção de ação, do método da ação, e o segundo é a conceituação de atividade e subjetividade. Para tratar do primeiro, Clot (2010, p. 221) se apoia no trabalho de Tosquelles na Ergoterapia, que consiste em “tentar usar, em psiquiatria, o trabalho como terapia, é a tentativa de olhar o trabalho como uma terapia.”.

Contudo, Clot usando uma citação do próprio Tosquelles, mostra que o sentido vai além do conceito geral de Ergoterapia, pois ela fala da estratégia da ação em meio profissional. “Não se trata de fazer os doentes trabalharem, para diminuir tal ou qual sintoma. Trata-se de fazer trabalhar os doentes e o pessoal que os cuida, para cuidar (*soigner*) da instituição.” (TOSQUELLES apud CLOT, 2010 p. 222).

As instituições referidas pelo autor são hospitais psiquiátricos. Lá, os internos eram levados a trabalhar, como parte do tratamento. Mas os funcionários também eram colocados em situações de trabalho junto com os pacientes, com o intuito de cuidar da própria instituição. A questão não está simplesmente na ação, mas no método que será empregado para conseguir os objetivos, por meio de ações de trabalho que envolviam os pacientes e os profissionais do campo da saúde.

Nesse sentido, o foco é outro. Não é o trabalho, mas sim a instituição, e fazer com que os profissionais da saúde e a instituição percebam que os doentes são seres humanos responsáveis pelo que fazem, mas que só podem agir assim na condição real de fazer algo. Essa visão é transportada por Clot (2010) para a análise

do trabalho de forma mais ampla o que fornece dados importantes com relação à ação. “Isso significa que não se trata, em matéria de análise do trabalho, de cuidar do trabalhador, trata-se de, no método de ação, fazer trabalhar os trabalhadores para cuidarem do trabalho.” (CLOT, 2010 p. 222).

Clot (2010) ainda ressalta a necessidade de se criar métodos que mostrem a importância dos trabalhadores e que esses são capazes de transformar as situações de trabalho.

De modo que cuidar do trabalho é transformar a organização do trabalho. Essa é uma forma de abordagem de ação. Criar situações e encontrar técnicas nas quais se transformem os trabalhadores em sujeitos da situação, fazendo-os protagonistas da transformação. Eles é que são os autores da transformação e não os especialistas. (CLOT, 2010 p. 222).

Dentro dessa ação, Clot (2010) chama a atenção para um problema técnico que é a questão da observação. Ele propõe uma observação para a Clínica da Atividade, diferente do que é feito na Ergonomia. Clot recorre a Henry Wallon, que apesar de não ser um precursor da Psicologia do Trabalho, ocupou-se da produtividade infantil e chamou a atenção para a observação que o clínico faz sobre a criança.

A atenção que o sujeito – a criança – “sente fixada sobre ele” – vejam, ele vai estudar a observação do ponto de vista do observado – “a atenção que o sujeito sente fixada sobre si parece, por uma espécie de contágio, muito elementar, obrigá-lo a se observar”. [...] “Portanto, a observação de outrem parece obrigar o sujeito a se observar. Se ele está agindo, – esse sujeito, essa criança – o objeto de sua ação, e a ação ela mesma, são bruscamente suplantados pela intuição subjetiva que ele toma do seu personagem. É como uma inquietação, uma obsessão da atitude a adotar. É uma necessidade de se adaptar à presença de outrem, que se superpõe ao ato da execução. (WALLON, apud CLOT, 2010 p. 223, grifos do autor).

Então, ao se observar em situação de trabalho, pode-se encontrar um duplo resultado. O primeiro é a possibilidade de descrição da atividade de outrem e, o segundo, é o fato de que a observação não só produz informações sobre o observado, mas também produz uma atividade no observado provocando um diálogo interior. A partir da reflexão de Wallon, a Clínica da Atividade sistematizou essa atividade de observação.

Todo o problema não se reduz simplesmente a utilizar os conhecimentos, sobre a atividade, que tiramos da observação. O problema fundamental é: o

que fazemos da atividade do observado de observação de si mesmo. O que fazemos com isso? O que fazemos com esse diálogo interior que se expressa dessa forma: “Talvez eu não devesse fazer assim”. Ou então “Quando ele observou meu colega, talvez meu colega tenha feito assim, tenha feito diferente” – essas são as discussões interiores que temos quando somos observados pelo Ergonomista, pelo psicólogo do trabalho. A gente se coloca perguntas – “Talvez quando eu volte amanhã eu faça de outra forma”. Isso quer dizer que o observador e os trabalhadores observados se põem a pensar, a refletir sobre sua própria atividade e, então, tornam-se sujeitos da observação, não são mais simplesmente objetos da observação. O problema em seguida é: o que fazer desse diálogo interior? (CLOT, 2010 p. 224).

Pensar sobre essas questões foi fundamental na criação dos métodos dialógicos da análise do trabalho, e permitiu, segundo Clot (2010), religar a concepção de observação ao conceito de ação de Tosquelles. Logo, a Clínica da Atividade contribuiu para a reconceituação da questão da observação, mostrando que quando se observa, traços são deixados junto ao observado. Além dessa, outra contribuição está na questão da colocação da palavra de outra forma, quando a observação é a fonte da palavra interior e não o contrário dela, como na Psicopatologia do Trabalho. “Na Clínica da Atividade, diz-se naturalmente que a concepção da observação é dialógica. Portanto, a observação é um diálogo, portanto a palavra está dentro da observação.” (CLOT, 2010, p. 225).

A escuta, o domínio da palavra também é importante, mas diferente da Psicopatologia do Trabalho, a palavra não é para dar informações do vivido, ou conhecê-lo. “A palavra é feita para agir, é um diálogo profissional para transformar a situação (...). É um diálogo para que o vivido se transforme, se desenvolva, na ação dialógica e na observação em curso de diálogo.” (CLOT, 2010, p. 225).

Portanto, é assim que, na clínica da atividade, fazemos a relação entre atividade e subjetividade. A atividade não é o contrário da subjetividade. A subjetividade eu a defino claramente – claramente para mim pelo menos, isso abre muitas questões já que é difícil de fato – como uma relação entre atividades. A subjetividade é uma atividade sobre a atividade. É a minha atividade ou a atividade de meu colega de trabalho como objeto de pensamento. É assim que se desenvolve a produção subjetiva de minha experiência. Portanto, não somos obrigados a escolher entre atividade e subjetividade. (CLOT, 2010 p. 225).

Clot (2010, p. 226) ainda esclarece que a compreensão da relação entre atividade e subjetividade vai depender do conceito que se tem sobre atividade. E para a Clínica da Atividade, “a atividade realizada é o que se pode ver, se pode observar e se pode descrever.”. Esse conceito é definido a partir dos conceitos

trabalhados por Tosquelles, sobre o que vem a ser a atividade. Mas esse conceito de atividade estaria limitado se não levasse em conta que o homem também se manifesta por seus atos não executados.

Assim, o que não é realizado faz parte da atividade, “o real da atividade é muito mais vasto que a atividade realizada.” (CLOT, 2010, p. 226). E, na definição desse conceito, Clot busca a base nos escritos de Vygotsky em que “o comportamento realizado, que se pode observar, é apenas uma ínfima parte do que é possível no comportamento.” (CLOT, 2006 p. 21).

A Clínica da Atividade procura não criar uma separação entre atividade e subjetividade. “De um lado, o risco de uma atividade sem subjetividade e, de outro, de uma subjetividade sem atividade.” (CLOT, 2010 p. 226-227). Ultrapassar essa dificuldade é o que busca a clínica da atividade.

2.2 Autoconfrontação simples

Na autoconfrontação, a tríade observação/atividade/subjetividade permite novos olhares e mudanças internas que serão levadas ao social, aos novos contextos, e “graças à autoconfrontação, formas de fazer muito características aparecem e provocam um discurso específico.” (FAÏTA, 2004; p. 75).

Proposta por Yves Clot, como método dialógico da análise do trabalho, a autoconfrontação simples é uma metodologia que utiliza vídeos para confrontar o sujeito com sua prática de trabalho, criando a possibilidade de reflexão sobre suas ações, pois não faz uso de experimentos, com situações simuladas, mas sim de ações reais de trabalho, em que os trabalhadores possam pensar sobre o seu agir real.

A situação de autoconfrontação é aquela em que os operadores, expostos à imagem do próprio trabalho, começam por colocar em palavras, para serem utilizadas pelo próprio parceiro-espectador, o que eles julgam ser suas constantes. Assim, eles dialogam com o outro e com eles mesmos, ao se descobrirem na tela e ao verbalizarem as condutas que eles observam. (CLOT, 2010 p. 138).

Ao se verem em sua atividade de trabalho, os trabalhadores podem expressar suas impressões, assim como verbalizar sentimentos vividos no momento do trabalho e que, muitas vezes, não são percebidos. Mas, no momento em que se

enxergam no vídeo, percebem ações e reações frente a algumas situações específicas.

O outro ponto importante que deve ser salientado em relação à autoconfrontação é o fato de ela permitir a análise de uma dimensão do trabalho que é quase sempre invisível: o trabalho real. [...] Podemos acrescentar, portanto, que os momentos de diálogo criados por estes métodos de produção de dados são o local em que o trabalho real poderá emergir, fruto das constatações do trabalhador sobre o que quis fazer, mas não fez. (LOUSADA, 2004; p. 280).

Ao se deparar com suas ações, o trabalhador tenta verbalizar de forma linear, sendo que “o aspecto mais importante reside, sem dúvida, no que o sujeito descobre a respeito de sua atividade, sobretudo quando ele não consegue expressá-la.” (CLOT, 2010 p. 139). Ao se desprender das palavras na tentativa de “explicar” suas ações, tem início o momento da descoberta de si. Pois ele tem a possibilidade de ver o que fez, o que poderia e/ou gostaria de ter feito.

Tanto a autoconfrontação simples quanto a cruzada, à atividade do trabalhador que, vendo-se na tela, diz aquilo que faz ou teria ou não podido fazer, corresponde a atividade do pesquisador que pontua o discurso do trabalhador e procura levá-lo a compreender a força da observação da atividade realizada como um recurso de acesso à atividade real. (HARRISON, 2009; p. 7).

Quando não se encontra as palavras, ocorre uma luta interna para conseguir expressar e isso gera reflexão, consciência de si, conhecer o que está internalizado, pois é pela palavra que os conceitos ganham materialidade.

Para Vygotski, o pensamento não se exprime na linguagem, ele se realiza na linguagem. Há uma mudança do pensamento na linguagem. O pensamento não espera que a linguagem o exprima como se fosse totalmente pronto sem linguagem. [...] O pensamento vem quando se está falando; e, aliás, frequentemente descobre-se o que pensamos, falando a alguém sobre o que pensamos. Portanto, o pensamento não se exprime na linguagem, a linguagem realiza o pensamento. (CLOT, 2006 p. 22).

A situação de trabalho é filmada e o trabalhador vai se ver na presença de um outro. Ao se ver, ele vai procurar explicar o que vê e ao fazer isso ele passa a refletir sobre seu fazer de uma forma nova. Segundo Clot (2010, p. 253), “a autoconfrontação simples propõe um novo contexto em que o sujeito se torna, por sua vez, um observador exterior de sua atividade na presença de um terceiro.”. E

ainda, as interpretações e os questionamentos já pensados pelos trabalhadores, e suas auto-observações, são os meios para se realizar os comentários ao assistirem os vídeos relativos ao trabalho realizado.

Analisar o trabalho, tal como analisar toda e qualquer atividade, implica encontrar o real sob o realizado, isto é, as escolhas, as decisões que precedem a tarefa, o que poderia ter sido feito de outro modo, mas não foi; os acordos estabelecidos entre os interlocutores reais e potenciais. (SOUZA-SILVA, 2004, p. 99, grifo do autor).

A atividade que é essencialmente *intrapsicológica*, torna-se *interpsicológica*. Para uma melhor compreensão, destaca-se a explicação de Vygotsky sobre esses dois conceitos.

(...) o processo de internalização consiste numa série de transformações:

a) *Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente. É de particular importância para o desenvolvimento dos processos mentais superiores a transformação da atividade que utiliza signos, cuja história e características são ilustradas pelo desenvolvimento da inteligência prática, da atenção voluntária e da memória.*

b) *Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.*

c) *A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento. O processo, sendo transformado, continua a existir e a mudar como uma forma externa de atividade por um longo período de tempo, antes de internalizar-se definitivamente. Para muitas funções, o estágio de signos externos dura para sempre, ou seja, é o estágio final do desenvolvimento. (VYGOTSKY, 2007; pp. 57-58, grifos do autor).*

Ou seja, a atividade se transforma, passando de algo que acontece no interior do indivíduo a algo que sai dele para se desenvolver entre pessoas. “Nessas conjunturas, uma Clínica da Atividade se empenha em organizar as migrações do vivido na atividade do sujeito para que ele possa fazer a experiência do que ele é capaz; o que é o único meio de alguém se conhecer melhor.” (CLOT, 2010 p. 253).

Tudo o que era feito de forma automática, sem um pensar sobre o agir no trabalho, passa a ser uma questão a ser analisada. E ao expressar suas escolhas no diálogo com o pesquisador (externo ao trabalho), o trabalhador busca a coletividade, o que é expresso em sua fala ao usar o “nós” ou o “a gente”. O sujeito na

autoconfrontação simples busca essa terceira pessoa para responder às questões relativas à sua atividade. Isso se dá pelo fato do trabalhador procurar apoio para suas escolhas através das ações definidas para seu ofício.

No momento em que se deve justificar junto do pesquisador determinada maneira de fazer, quer isso seja para ajudá-lo a compreender o 'difícil de dizer' ou para se proteger a si mesmo de um conflito surgido no momento em que ele faz tal tentativa, o sujeito dispõe dessa história coletiva com a qual, então, ele dialoga e que lhe fornece assistência para procurar proceder à análise do que ele se vê fazendo na tela. (CLOT, 2010 p. 255).

Mas esse não é o único resultado da autoconfrontação, não é somente o coletivo que aparece na fala dos sujeitos, seu olhar é modificado para além disso. A observação não é mais feita somente com os seus próprios olhos, mas com olhos de um observador exterior, que não é o pesquisador, mas sim o coletivo que agora está em si para se olhar com outros olhos. Nesse ponto, pode ser que esse "novo" observador continue a contribuir com o sujeito, pois agora "ele se observa em atividade com os olhos do 'ofício' e observa o ofício com outros olhos [...] ou esse 'a gente' se torna um obstáculo para o desenvolvimento da atividade interior." (CLOT, 2010 p. 255-256).

Ao se pensar no ILS, verifica-se que apesar do revezamento e do intérprete de apoio, ele atua sozinho, não tem a oportunidade de se ver e nem refletir sobre sua prática. Então, com a oportunidade de se olhar, em uma experiência de autoconfrontação, poderá pensar o coletivo, o que é seu ofício e tudo o que cerca seu ofício, desde as possibilidades que não aparecem na atividade real, até sentimentos retomados no momento da autoconfrontação.

A autoconfrontação poderia contribuir para compreender a dinâmica da ação dos sujeitos, já que para transformar é necessário compreender. Ela promoveria, ainda, transformações nos meios de trabalho, pois leva em conta os coletivos de trabalho, única maneira de fazer transformações duráveis. (LOUSADA, 2004; p, 281).

A avaliação de sua própria prática em situação real de trabalho possibilitará conhecer melhor como se dá a atuação do intérprete de Libras em conferências.

CAPITULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO

Esse capítulo tem o objetivo de descrever o método usado nesta pesquisa, desenvolvida sob a lente da perspectiva histórico-cultural.

Ao assumir o caráter histórico-cultural do objeto de estudo e do próprio conhecimento como uma construção que se realiza entre sujeitos, essa abordagem consegue opor aos limites estreitos da objetividade em uma visão humana da construção do conhecimento. (FREITAS; SOUZA e KRAMER, 2003; p. 26).

3.1 O Método

A abordagem utilizada foi a qualitativa, que busca compreender de forma particular seu objeto de estudo. Seu foco está no peculiar, individual, sempre tentando compreender e não apenas explicar os fenômenos estudados (RAMPAZZO, 2010).

Os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes. Considerando todos os pontos de vista como importantes, este tipo de pesquisa “ilumina”, esclarece o dinamismo interno das situações, frequentemente invisíveis para observadores externos. (GODOY, 1995 p.63).

E no âmbito da abordagem qualitativa, realiza-se uma pesquisa descritivo-exploratória já que muito pouco tem sido produzido sobre a realidade de ILS em conferência. Nesse sentido, este estudo pretende descrever aspectos da atividade dos ILS e assim colaborar para o aprofundamento de conhecimentos nesse campo. Dentro de uma pesquisa qualitativa de orientação histórico-cultural,

considerar a pessoa investigada como *sujeito* implica compreendê-la como possuidora de uma voz reveladora da capacidade de construir um conhecimento sobre sua realidade que a torna co-participante do processo de pesquisa. Conceber, portanto, a pesquisa nas ciências humanas a partir da perspectiva sócio-histórica implica compreendê-la como uma relação entre sujeitos possibilitada pela linguagem. (FREITAS; SOUZA e KRAMER, 2003; p. 29, grifo dos autores).

A metodologia utilizada será a autoconfrontação, proposta por Yves Clot, na psicologia do trabalho (Clínica da Atividade). A autoconfrontação consiste em fazer profissionais a pensarem sobre sua própria prática. Essa metodologia foi escolhida,

pois leva os profissionais a refletirem e ressignificarem suas práticas por meio da linguagem, ao observarem filmagens das suas práticas profissionais. Para Brasileiro (2011, p.211) “a autoconfrontação se estabelece com a construção de sentidos por meio da imagem para a confrontação e ressignificação do *eu* através do *outro*.”. Para Muniz e Nepomuceno (2010, p.81) “o método da Autoconfrontação, entre outras funções, visa ao desenvolvimento do trabalhador e de sua atividade de trabalho.”.

Chamada de metodologia da autoconfrontação vem a ser constituída na co-análise de situações de trabalho, entre pesquisadores e coletivos de trabalho, que vivem o processo de (se) analisarem diante de situações em estudo, podendo esta, ser simples ou cruzada. (BELÉM, 2010 p.67).

Nessa metodologia, a filmagem é primordial, pois é a partir dos vídeos dos profissionais, em situações reais de trabalho, que a autoconfrontação o instiga a refletir, a analisar e a discutir sua própria atuação, com base no que fez, no que não fez e no que poderia ter feito, levando esse indivíduo a mudar não só sua visão, mas também sua ação.

Como não se pode contar com a memória para acessar informações importantes, como quais as motivações que levaram os intérpretes a determinadas escolhas naquele contexto de trabalho, utilizaram-se recursos áudio visuais para se debruçar sobre o ato interpretativo e propiciar ao intérprete se ver e refletir sobre suas escolhas e estratégias para melhor conhecer problemas presentes na sua atuação em conferência.

Dessa forma, com a autoconfrontação simples, o trabalhador assistiu às filmagens de sua atuação e a partir delas foi convidado pela pesquisadora a pensar e a colocar em palavras o que ele acredita ser importante sobre sua atuação. Esse foi o ponto chave para se alcançar os objetivos propostos neste trabalho, tendo em vista que se quer conhecer melhor a atuação do intérprete de Libras no contexto da conferência. Para se compreender mais a metodologia escolhida, Brasileiro (2011, p 211), nos diz que na

Autoconfrontação Simples, o pesquisador forma o grupo de pesquisa e faz as gravações dos pesquisadores⁸ durante a realização de sua tarefa.

⁸ Acreditamos que a palavra nesse ponto seria “trabalhadores”, sendo provavelmente um erro de digitação, mas por se tratar de uma citação direta deixamos como no texto original.

Posteriormente, ele seleciona algumas cenas significativas e assiste a elas juntamente com o trabalhador, suscitando nele a descrição do que ele vê no vídeo e propiciando uma relação dialógica com o objeto filmado, com os sujeitos envolvidos na atividade e com o próprio pesquisador.

3.2 A Coleta

Apresenta-se, então, como se deu a coleta de dados.

3.2.1 Filmagem na situação de trabalho

Uma vez definida a metodologia a ser utilizada, e de acordo com os objetivos propostos, eventos que aconteceriam mais próximos do período previsto no calendário para a coleta dos dados foram procurados. Escolheu-se, portanto, o VI Congresso Brasileiro de Educação Especial – VI CBEE, sediado nesse período na UFSCar, por se tratar de um grande evento nacional, que recebe a inscrição de vários surdos e disponibiliza intérpretes de língua de sinais, para tornar o evento acessível ao público surdo. Além disso, por ser um evento da área de educação especial, e trazer o debate da acessibilidade como temática de estudo, previa-se que os intérpretes contratados para o evento seriam experientes e qualificados.

Definido o evento que seria o *lócus* de coleta de dados, solicitou-se a permissão da coordenação geral do evento para a realização da pesquisa, que implicava em filmar as palestras, comunicações orais e outros momentos do evento que contavam com a presença de intérpretes. Com a devida autorização, deu-se prosseguimento à pesquisa.

Seguindo as orientações do Comitê de Ética, os intérpretes foram devidamente informados que seriam filmados durante sua atuação e que algumas das imagens seriam utilizadas posteriormente em uma pesquisa, caso eles concordassem. Nesse momento, preferiu-se não informá-los a respeito do tema específico da pesquisa, com receio de que isso pudesse influenciar a atuação dos profissionais.

De posse da autorização da organização do evento e dos intérpretes, com o auxílio de uma aluna da graduação em educação especial, realizaram-se as gravações da atuação dos intérpretes durante as palestras principais do evento, que tinham duração de aproximadamente duas horas e aconteciam nos auditórios.

Também foram filmadas as atuações dos intérpretes em sessões de comunicação oral. Nelas, vários congressistas apresentavam oralmente seus trabalhos, durante 30 minutos de duração, em salas de aula ou mini-auditórios. Várias sessões aconteciam simultaneamente, contando com um menor número de pessoas em cada sala.

Os vídeos foram gravados utilizando duas câmeras filmadoras, uma fornecida pelo Programa de Pós-Graduação e outra particular. Essa medida foi tomada por segurança, pois é comum recursos eletrônicos apresentarem algum problema; duas câmeras minimizariam o risco de se perder parte da gravação.

De posse de todos os vídeos do evento, selecionaram-se trechos que pudessem ser interessantes aos objetivos da pesquisa.

3.2.2 Seleção dos participantes

A pesquisa selecionou todos os intérpretes que atuaram no evento já citado e que foram filmados em mais de um ambiente durante sua atuação. Todos os profissionais foram contatados via *e-mail*, e os critérios de exclusão foram resposta negativa com relação a solicitação de participação ou a ausência de resposta ao *e-mail*.

Dos oito intérpretes que atuaram no evento citado, cinco responderam positivamente, concordando em participar da etapa seguinte pesquisa, sendo quatro mulheres e um homem. A esses, também via *e-mail*, foi encaminhado um questionário (Apêndice A) para que se pudesse ter algumas informações iniciais sobre sua formação, tempo de atuação, aprendizado de Libras, etc, na perspectiva de traçar um perfil profissional de cada um deles.

Com esses questionários, pode-se descobrir que três deles atuam regularmente como intérpretes em diversos contextos, enquanto dois atuam apenas esporadicamente. Então, em função da regularidade da atuação, e dos propósitos deste estudo, optou-se por restringir a participação nesta pesquisa a apenas os três intérpretes que tinham uma atuação mais frequente e intensa em diferentes contextos.

3.2.3 Estudo piloto

Para uma experiência inicial de autoconfrontação, um dos intérpretes excluídos da pesquisa foi convidado a participar do Estudo Piloto, para que a pesquisadora pudesse testar a situação de coleta de dados. Referir-se-á à este profissional como “intérprete Maria”.

A partir dos vídeos relativos à atuação da intérprete Maria, alguns trechos foram selecionados para a autoconfrontação. Esses trechos foram selecionados e recortados através de um programa chamado *Movie Maker*, que faz parte do pacote de programas do sistema operacional *Windows*. Esse recorte foi necessário para facilitar a visualização dos trechos pela intérprete. Todos os trechos escolhidos foram salvos com uma numeração específica e no formato padrão do programa utilizado.

O desenvolvimento do estudo piloto foi realizado com o objetivo de testar os procedimentos de produção do vídeo a ser apresentado para o intérprete na sessão de autoconfrontação, tais como: o tempo de cada vídeo a ser visto pelo intérprete; suas percepções e falas; tipo de segmento a ser apresentado, entre outros.

A intérprete Maria evidenciou falhas nos trechos selecionados, que não favoreciam uma reflexão maior sobre sua atuação. Por isso, surgiu a necessidade de realizar um segundo encontro, para que se pudesse testar ajustes e formas de apresentação de trechos em vídeo.

Ressalta-se que o desenvolvimento desse piloto foi fundamental para o bom andamento da pesquisa, pois a pesquisadora pode testar o método escolhido e familiarizar-se com ele, por se tratar de uma metodologia nova e pouco usada com intérpretes de Libras.

No segundo encontro do estudo piloto, a intérprete Maria assistiu a quatro trechos de vídeos coletados durante o evento. Os trechos foram apresentados três vezes cada um. Na primeira apresentação, o intérprete deveria assisti-lo sem áudio, apenas visualizando sua produção em Libras, e, em seguida, deveria dizer sobre o que versava o trecho que assistiu.

Em um segundo momento, a intérprete assistiu novamente ao trecho sem áudio, porém deveria “dar voz” ao trecho, ou seja, fazer a interpretação da língua de sinais (sinalizada pelo próprio intérprete) para o português oral. Em seguida, o intérprete era convidado a comentar sobre sua percepção acerca dessa experiência.

Na terceira vez, o vídeo foi assistido com o áudio original, para que o intérprete pudesse confrontar sua versão de interpretação com a enunciação do locutor, podendo refletir sobre os textos produzidos na LF e na LA. Após essa etapa, o intérprete era convidado a comentar sobre sua atuação, compreensão e dúvidas. Essa metodologia favoreceu que a intérprete se visse e refletisse sobre si e sobre sua atuação.

A interação entre pesquisadora e intérprete, enquanto essa assistia aos trechos de vídeo e tecia comentários reflexivos, foi filmada e serviu de base para as análises. Novos ajustes foram feitos e pode-se definir a estratégia mais adequada para a coleta de dados.

3.2.4 Organização do material para as sessões de autoconfrontação

Para a segunda parte da coleta, a autoconfrontação simples, mais uma vez os intérpretes foram contatados via *e-mail*, telefone ou *Facebook*. Aos participantes, foi apenas solicitado que deixassem um turno inteiro disponível para a atividade, pois assim não haveria o risco de comprometer a pesquisa por conta de compromissos conflitantes que pudesse reduzir o tempo.

Para a seleção dos vídeos que foram apresentados aos intérpretes na sessão de autoconfrontação, primeiramente todas as filmagens do evento foram assistidas, de forma integral, com a posterior exclusão das imagens dos intérpretes que não iriam participar da pesquisa. Depois, os vídeos com os participantes da pesquisa foram novamente assistidos, a princípio sem áudio, para se compreender o discurso em língua de sinais e realizar uma pré-seleção de trechos que seriam apresentados aos intérpretes. Por fim, os vídeos foram assistidos com o áudio original, apenas para se certificar de que os vídeos selecionados eram os mais significativos.

Buscou-se selecionar os trechos que aparentemente provocariam reações fortes nos intérpretes, seja de insatisfação, angústia ou alegria. Para todos os três intérpretes participantes, optou-se por utilizar trechos que aparentemente tinham o mesmo grau de dificuldade, por apresentarem semelhanças, tais como: o início de uma palestra principal, apresentação dos palestrantes, uso significativo de datilologia; trechos com falas aceleradas dos locutores; palestras com muitos termos técnicos, etc. Assim, o material selecionado para a sessão de autoconfrontação

constituiu-se de quatro trechos com média de 4 minutos para cada um três participantes.

E para que os intérpretes pudessem compreender melhor o contexto em que cada trecho foi selecionado, optou-se por recortar o vídeo no momento em que o palestrante iniciava uma nova ideia em seu discurso.

3.3 Sessões de autoconfrontação

As sessões de autoconfrontação consistiram em:

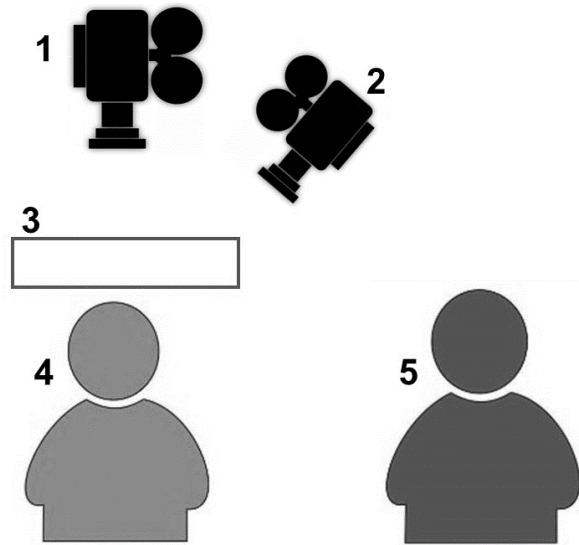
1. Apresentação do trecho 1, sem o áudio – apenas visualização da própria interpretação em Libras e posterior comentário do intérprete sobre o que compreendeu do que foi dito;
2. Visualização do trecho 1, ainda sem áudio – com realização da interpretação sinal/voz;
3. Visualização do trecho 1, com o áudio – comentário sobre sua atuação.

Como eram quatro trechos para cada intérprete, essa sequência de ações foi repetida quatro vezes, uma para cada um dos trechos selecionados.

As sessões foram registradas por meio de vídeo, nas salas de estudos do PPGEs (Programa de Pós-graduação em Educação Especial) da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, nos horários marcados pelos intérpretes. Antes da chegada desses, a pesquisadora organizava a sala e deixava os equipamentos utilizados prontos para o início da atividade. Foram utilizadas nessa coleta duas câmeras filmadoras (para garantir que não se perderiam as imagens, caso eventual problema técnico), um tripé e um *notebook*.

A Figura 2 ilustra a disposição dos materiais: (1) – câmera 1, emprestada pelo próprio programa; (2) – câmera 2, própria da pesquisadora; (3) – notebook, próprio da pesquisadora; (4) – participantes e (5) – pesquisadora.

Figura 2 - Layout da sala de estudos



(Fonte: elaboração própria).

Antes de iniciar a autoconfrontação, os intérpretes eram informados dos objetivos da pesquisa e da necessidade de assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Apêndice B).

Devidamente esclarecidos, os intérpretes aceitaram e assinaram o TCLE. A cada um dos intérpretes foi então explicado como seria feita a sessão de autoconfrontação, com o passo-a-passo específico, evitando, assim, ansiedade pelo que estaria por vir. Dava-se início, então, à sessão de autoconfrontação.

Na primeira apresentação do trecho 1 de vídeo, sem áudio, o sujeito deveria dizer o que havia compreendido de seu discurso em Libras, sobre o que tratava e qual era o tema de maneira geral. Já na segunda apresentação do trecho 1 de vídeo, ainda sem áudio, o sujeito devia fazer a sua própria voz, ou seja, realizar a interpretação da língua de sinais para o português, conhecida como “sinal-voz”. E, por fim, na terceira apresentação do trecho 1 de vídeo, com áudio, o sujeito teria a possibilidade de confrontar sua interpretação com a fala do orador. Repetiu-se essa estratégia para os quatro trechos de vídeo selecionados, como ilustra a Figura 3.

Figura 3 – Diagrama que elucida o procedimento adotado.



(Fonte: elaboração própria)

Os vídeos selecionados apresentavam uma duração de 3 a 4 minutos, para que sua extensão não comprometesse a memória e execução das atividades propostas ao intérprete. Cada sujeito podia fazer a opção por comentar ao final de cada exibição, ou pausar o trecho para realizar comentários que talvez lhe fugissem a memória durante a apresentação de cada trecho. Cada sessão de autoconfrontação durou aproximadamente uma hora e meia.

As três sessões foram gravadas em vídeo e consistiram no material que serviu para as análises apresentadas neste estudo. As sessões foram transcritas, com base na enunciação dos intérpretes ao se verem em atividade laboral. Essa transcrição foi realizada a partir do português, porém com algumas referências em Libras, pois os intérpretes muitas vezes falavam (oralmente) e sinalizavam ao mesmo tempo, ou interrompiam a fala e faziam um sinal para completar o que diziam, já que a pesquisadora também é fluente em língua de sinais e eles sabiam estar sendo compreendidos.

3.4 Sujeitos da Pesquisa

Nessa seção, apresentam-se os sujeitos integrantes desta pesquisa.

Dos três intérpretes de Libras, havia um homem e duas mulheres, com idades entre 26 e 31 anos, todos com nível superior. Desses, dois cursam ou cursaram cursos específicos da área da interpretação e um, cursou em outra área. O tempo de atuação com interpretação varia de um a oito anos, mas todos declararam no questionário já ter experiência com palestras, congressos, simpósios, etc., ou seja, já haviam feito interpretação simultânea em conferência diversas vezes.

Dois aprenderam a interpretar junto à comunidade surda em diferentes situações e um em formação específica e experiência posterior. Dos dois que aprenderam o ofício na prática, um deles buscou formação específica após as primeiras atuações e o outro não. Dois dos intérpretes atuam no momento da pesquisa no serviço público e o outro na iniciativa privada.

Os três residem na cidade de São Carlos, mas são oriundos de outras cidades da região. A Quadro 1 reúne essas informações.

Quadro 1 – Perfil dos candidatos.

TABELA DE PARTICIPANTES			
Item	Participante 1 (Bruno)	Participante 2 (Karina)	Participante 3 (Thamires)
Idade	28	26	31
Gênero	Masculino	Feminino	Feminino
Grau de instrução	Superior completo (cursando pós- graduação <i>latu sensu</i>)	Superior cursando	Superior completo
Curso	Tradução e Interpretação de Libras x Português	Letras – Inglês	Tradução e Interpretação de Libras
Tempo de atuação como intérprete de conferência	Um ano	Dois anos	Oito anos
Local em que aprendeu a interpretar	Associação de surdos em 2009	Na prática e com a comunidade surda	Formação superior e experiência
Formação específica em interpretação de libras	Pós-graduação <i>latu sensu</i>	Curso de extensão para tradutor e intérprete	Formação superior como tradutor intérprete de Libras.

(Fonte: elaboração própria)

3.5 Procedimento usado para as análises

As análises foram realizadas a partir da observação dos vídeos das sessões de autoconfrontação realizadas com os três intérpretes e posterior transcrição das

enunciações. As informações presentes nesse material possibilitaram a criação de categorias para favorecer uma melhor compreensão dos dados coletados.

Com a transcrição das sessões, essas foram lidas exaustivamente, a fim de fazer uma imersão nos dados. A partir dessa leitura, foram marcados os episódios que melhor ajudariam a alcançar o objetivo deste estudo. Esses episódios foram analisados com base nos pressupostos dialógicos. “A indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos.” (BRAIT, 2014 p.10). O eu, o outro e o momento que rege a interação, sempre foi considerado.

Essa também é a base para a compreensão dos contextos levantados nas enunciações dos intérpretes sobre sua própria atuação. A análise foi realizada com o intuito de alcançar o objetivo geral de conhecer melhor a atuação do intérprete de Libras no contexto da conferência, e dos objetivos específicos (i) discutir estratégias apontadas pelos intérpretes no contexto de conferência e (ii) discutir efeitos da técnica autoconfrontação simples na autorreflexão dos intérpretes.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS

O trabalho debruçou-se sobre a atuação do intérprete de Libras em conferência, buscando conhecer melhor esse modo de atuação pouco explorado na produção acadêmica. Nas enunciações dos intérpretes, buscou-se conhecer melhor sua função e as implicações de sua atuação, a partir das análises dos dados coletados.

Essas análises foram feitas à luz do referencial teórico apresentado, que auxiliou na busca pela resposta à grande questão de pesquisa: como se dá a atuação do intérprete de Libras em conferências?

Para se obter uma resposta a essa pergunta é necessário conhecer o contexto em que o intérprete de Libras atua. Assim, essa pesquisa tentou alcançar os objetivos propostos através da caracterização do contexto conferência, a partir das falas dos sujeitos sobre sua atuação nesse ambiente. É importante frisar que não se avaliou a qualidade da atuação do profissional, nem suas atitudes e escolhas foram julgadas. Mas sim, buscou-se conhecer melhor sua atuação nesse contexto específico, por meio de suas características.

A autoconfrontação integra-se plenamente a um conjunto de dispositivos que visam à construção conjunta de conhecimento sobre a atividade desenvolvida, um reposicionamento dos sujeitos envolvidos frente à situação de trabalho e o “alargamento” do campo de ação dos trabalhadores. O uso de imagens em pesquisas nas Ciências Humanas fornece as condições para que pesquisador e sujeito(s) pesquisado(s) interajam e possam construir conhecimentos sobre as práticas sociais e relações estabelecidas nas interações do cotidiano, dessa forma permitindo o distanciamento do que se tornou habitual e não mais problematizado. No momento da autoconfrontação, as imagens registradas em vídeo, funcionam, em certa medida, como o “outro” com seu “excedente de visão”. O trabalhador vê-se sob uma perspectiva inédita, em um momento temporalmente posterior à atividade propriamente dita. Essa experiência provoca, muitas vezes, uma sensação de estranhamento, fato apontado por Souza (2003) [...]. Ao considerar as imagens como linguagem, e, como tal, dialogicamente constituída, pode-se compreender melhor o estranhamento sentido, pois a imagem dá ao observador/comentador uma visibilidade de si próprio que lhe é incomum. Como se fosse um “outro” vendo a si próprio. (HARRISON, 2006; p. 79).

Da transcrição dos vídeos obtidos com as sessões de autoconfrontação, elencaram-se quatro temas considerados importantes, seja por uma característica colaborativa ou por terem indicado algum tipo de prejuízo para o trabalho. Os temas elencados foram: (I) o Tempo; (II) a Exposição; (III) Posição; e (IV) Preparo.

O primeiro tema a ser analisado é o Tempo, uma das principais características de conferências. Nessa situação, o tempo para a exposição das ideias é limitado e as informações devem ser passadas em poucos minutos. Por conta disso, é comum a leitura de textos para otimização do tempo por parte do conferencista, além de uma fala mais acelerada, buscando o mesmo objetivo.

O segundo tema é a Exposição do intérprete de Libras. Ao contrário dos intérpretes de línguas orais, o ILS tem sua imagem exposta durante todo o evento.

O terceiro tema é a Posição que o intérprete ocupa no ambiente de conferência. Para que possa ser visualizado por todos, o sujeito geralmente fica no palco à frente da plateia, inevitavelmente ao lado ou até de costas para o palestrante.

E o quarto tema é o Preparo. Os intérpretes precisam buscar preparação em áreas bem diversas, pois em seu campo de atuação, os temas desenvolvidos são muito variados, o que exige uma constante qualificação profissional, principalmente em função do dinamismo desse trabalho, seja no campo educacional, ou em conferências.

Por fim, a metodologia da autoconfrontação será tratada nas análises. Apesar de não ser uma característica específica da conferência, ela apareceu em vários momentos nas falas dos participantes, e não foi possível deixar de abordá-la na análise.

Os episódios selecionados para a análises estão com os nomes fictícios dos participantes, colocados em destaque, para que sua identidade seja preservada e se possa fazer uma distinção das falas destes.

4.1 O Tempo

Os eventos científicos têm como objetivo a troca de informação científica, textos que em geral introduzem novidades na área de estudo e que precisam comunicar pontos de reflexão em tempo limitado de exposição, além de em alguns casos apresentarem uma quantidade excessiva de temáticas a ser discutidas, o que prejudica o andamento do evento. Assim, é comum que palestrantes ou mestres de

cerimônia utilizem a leitura de textos previamente elaborados para que consigam otimizar seu tempo, sem omitir nenhuma informação que julguem ser importante.

Além disso, palestrantes tendem a ter uma fala mais rápida, pois o tempo disponível nem sempre é suficiente para explanar com detalhes aquilo que almeja. Desse modo, o intérprete deve lidar com a variável tempo em sua atuação. Como podemos ver na fala da intérprete Karina, após fazer sua própria voz, do trecho selecionado de uma fala inicial do evento, em que um professor apresenta a composição da mesa, chamando os palestrantes pelos nomes e dando um resumo de seus currículos.

Karina: *Caramba, super tenso, porque naquele calor do momento do evento você depende da velocidade da fala do palestrante, e essa velocidade da fala interfere diretamente na sua interpretação muito louco isso e aí você tem que meio seguir essa velocidade, mas às vezes fica incompreensível. A datilologia eu não consegui pegar, por exemplo, então assim é engraçado porque é uma estratégia de interpretação às vezes, você tem uma palavra enorme e você tem um tempo para poder fazer essa palavra até que você fala letra por letra, é estratégia as vezes você faz o começo e vai logo para o final, não é? Então é uma estratégia que o intérprete adota, e quando você adota isso para mim enquanto intérprete é ótimo, mas é para os outros que estão vendo isso, não é? Tenso nossa, é autoconfrontação mesmo porque você usa de uma estratégia que vai te beneficiar e que você não se preocupa se o outro está de fato entendendo aquilo.*

Pesquisadora: *Já tinha parado para pensar nisso antes?*

Karina: *Não. Jamais. Tenso.*

Pesquisadora: *E agora vendo, como é que tu vais tentar fazer?*

Karina: *Nossa eu tentaria, por exemplo, o nome do cara é Benedito Barbosa da Silva de repente, Benedito B Silva ou Benedito Silva porque isso eu já ganharia tempo faria de uma outra forma ou se de repente o cara conhecido como só Silva [?] sabe assim uma coisa nesse sentido porque eu não tinha parado para pensar nisso, vai ser bem bacana. Com relação as outras falas não tive tanta dificuldade, eu percebi mais dificuldade na minha interpretação e para entender o que eu estava falando com relação a datas e nomes. Acho que normalmente mais pega mesmo para o intérprete nomes e datas, datas é complicadíssimo. Eu não sei, eu tenho grandes dificuldades, por exemplo, eu estou ouvindo o discurso rolando e aí rolou uma data no meio, foge um pouco assim, tenho mais dificuldade, foi isso basicamente.*

Pagura (2010, p. 43), ao descrever o percurso histórico dos intérpretes de língua orais, nos diz que “Caldwell chegou à conclusão, perfeitamente acertada, de que o intérprete deveria ouvir o orador perfeitamente e que a velocidade do orador não deveria ser excessiva.”.

A fala da intérprete Karina mostra como é complicado seguir o ritmo de uma fala acelerada, principalmente quando o que está sendo dito é uma lista de nomes e datas. Para tentar não perder as informações, a profissional opta por acelerar a digitalização das palavras, mas ao se autoconfrontar no vídeo, percebe que nem todas as palavras ficaram compreensíveis e, por isso, preocupa-se com o entendimento de seus interlocutores no momento da interpretação.

A digitalização das palavras do português em Libras é chamada de datilologia. Essa digitalização demanda muito mais tempo de execução do que a pronúncia da palavra ou mesmo o sinal referente a ela, justamente por se tratar de uma soletração. Mas é a opção muito utilizada para se expressar em Libras uma palavra que não se conhece o sinal. Uma estratégia é cortar a palavra e digitalizar apenas o começo e o fim, o que pode funcionar as vezes, mas nem sempre. Há um conjunto de informações importantes e uma premência do tempo, cujo intérprete precisa lidar.

Porém, o uso excessivo desse recurso demanda muito mais tempo e, por conta disso, o intérprete pode não realizar a datilologia com clareza ou deixar alguma outra informação de lado.

A intérprete relata ter tido dificuldade especificamente ao fazer a datilologia, não tendo problemas com o restante da interpretação que foi feita seguindo o mesmo ritmo de fala. A velocidade da fala do palestrante só foi apontada como um problema no momento em que era necessário fazer a interpretação de uma lista de nomes e datas, pois o tempo para realizar a datilologia é maior do que o necessário para interpretar uma ideia, ou uma palavra que possa ser passada por meio de um sinal. Ao perceber que sua estratégia pode não ter sido a mais adequada, a intérprete refletiu sobre as outras possibilidades que teria, mas que não considerou no momento pelo pouco tempo que possui para tomar suas decisões durante a sua atuação.

Outro exemplo de comprometimento da atuação por conta do tempo pode ser observado na fala da intérprete Thamires, enquanto assistia a primeira apresentação trecho 1 sem áudio, na sua autoconfrontação.

Thamires: *É aquela pessoa que fala devagar, assim: “ah, tá”. (-assistindo ao vídeo). As publicações da pessoa. (-assistindo ao vídeo) Carvalho, a [Manoela] (- risos). (-assistindo ao vídeo) Professor todo mundo se conhece. Se for um ou dois, ãã ãã, [], da área da psicologia, pesquisa do seu doutorado, ãã ãã. Gente, a pessoa falava muito rápido, não é possível! (- risos) Jesus. É que geralmente em abertura, era abertura, geralmente falam o nome da pessoa inteiro e rápido. ãã ãã e eu falei: “nossa!”. A única estratégia é realmente você fazer a datilologia rápido. Meu Deus! [...]*

Entrevistadora: *Fala o que, tu já estavas falando um pouco, né?*

Thamires: *É a apresentação de cada um, do que cada um fazia, a publicação de cada um, a especialidade de cada um, cada um é especialista em que, qual área, um é formado em Psicologia, o outro é formado no Rio, pela instituição Getúlio Vargas, o outro é ãã ãã. Realmente, a datilologia...mas se for mais devagar, perde o negócio. Mas tem coisas que consegui eu pegar. [...]*

Entrevistadora: *Quer voltar? (- risos) E aí fala.*

Thamires: *(- risos). Geeente.. Autoconfrontação é muito....Mas é necessário.*

Entrevistadora: *É bom? E aí, é porque a dificuldade ficou na datilologia, ficou onde aí?*

Thamires: *Realmente, ficou na dificuldade de identificar as pessoas e os lugares, né? Que as pessoas estavam fazendo. Mas teve um momento que eu não identifiquei a, que a pessoa fez dois, três doutorados, como assim? Então, eu fiquei, eu fiquei confusa nessa parte.*

Entrevistadora: *Aham... quantos doutorados?*

Thamires: *Eu acho que deveria ter....é, não sei, na verdade, de uma forma mais clara, mais pausada, quem é quem. De quem se tratava o doutorado, entendeu? Por mais que a pessoa deve ter falado de uma forma, não sei como, mas eu deveria ter organizado na língua de sinais de uma forma mais dividida.*

Entrevistadora: *Hum. Para saber quem era quem.*

Thamires: *É, porque eu não tenho o doutorado da pessoa, era o doutorado de alguém, sabe? Eu fiquei bem, não fiquei satisfeita. Não gostei. (- risos). Não gostei.*

Nessa passagem, a intérprete Thamires também não consegue compreender o que ela mesma fez em datilologia, pois precisou acelerar o ritmo de sua interpretação por conta da velocidade da fala do palestrante e pelo fato de também encontrar dificuldade na lista de nomes. A quantidade de informações sobre a titulação dos participantes e a velocidade da fala contribuíram para que a intérprete não compreendesse sua enunciação em Libras naquele momento.

Apesar de no momento ter conseguido fazer a interpretação das informações ditas em língua portuguesa pelo palestrante, a intérprete não consegue dizer com clareza o que havia interpretado ao se autoconfrontar. A velocidade da fala fez com que a intérprete também acelerasse sua enunciação, prejudicando a transmissão de informação.

Ao se ver, a própria intérprete reflete que poderia ter feito outras escolhas, ter se organizado melhor ou ter feito mais pausas. Mesmo sem muita certeza sobre o que deveria ter feito, ela percebe que a informação não chegou de maneira adequada ao público alvo.

Thamires: *mas eu deveria ter organizado na língua de sinais de uma forma mais dividida.*

Essa fala mostra que a própria profissional concluiu que poderia ter utilizado outra forma de discurso da LS que permitisse transmitir mais claramente quais informações se dirigia a que pessoa.

A velocidade excessiva da fala do palestrante só foi apontada pelos intérpretes como difícil quando o discurso possuía lista de nomes e datas. Mesmo que a fala do palestrante fosse acelerada, em nenhum outro episódio isso foi apontado como desafio.

Então, percebe-se que o tema Tempo está relacionado à quais e quantas informações devem ser transmitidas num determinado intervalo. Reflete-se, assim, sobre quais outras formas os intérpretes poderiam se valer para organizar o discurso em língua de sinais para a interpretação de lista de nomes, datas ou títulos de um palestrante, uma vez que a língua portuguesa se organiza de um modo diferente da Libras. A diferença de modalidade entre as línguas pode ser o fator de quebra de ritmo na hora da interpretação.

Se o intérprete pudesse ter acesso prévio a esse tipo de dado, teria mais condições de se organizar discursivamente, deixando o discurso mais claro para o surdo? Ou o pouco tempo e a grande quantidade de informações, ainda que disponibilizadas com alguma antecedência, não deixa outra opção ao intérprete além de acelerar a datilografia? Essas questões serão abordadas no tema (IV) Preparo.

4.2 A Exposição

O tema (II) da análise é a Exposição do intérprete. Aborda-se o local de destaque em que esse profissional se posiciona e as implicações disso em sua atuação.

Destacam-se as reflexões da intérprete no que diz respeito ao ambiente em que ocorre a interpretação. Os comentários foram feitos após a segunda exibição do trecho selecionado, sem áudio, momento em que a intérprete fez sinal-voz de sua própria fala. Ao analisar sua atuação, a participante considera o local da palestra e os sentimentos que emergiram daquele momento.

Thamires: *Eu não aceito, se me chamarem para congresso eu não vou, esse foi o primeiro.*

Entrevistadora: *Sério?*

Thamires: *Esse foi o primeiro. Por quê? Porque o..., eu não sei, eu não, por mais que eu seja intérprete, eu tenho uma coisa com pessoas.*

Entrevistadora: *Hum.*

Thamires: *E principalmente o cargo que essas pessoas exercem, entendeu? Então, é um ambiente bem diferente...*

Entrevistadora: *Aham.*

Thamires: *...para mim, porque eu estou acostumada com lugares menores, com simpósios, conferências, que dá em duas, três salas dessas.*

Entrevistadora: *Sim.*

Thamires: *Então, parece mais confortável para mim. Aí eu achei que realmente eu deveria ter mantido a calma, ter ouvido o discurso e ter sinalizado. Não, acho que o externo influenciou o meu interno. É horrível isso. Mas, mesmo assim, é indesculpável.*

Entrevistadora: Ah, quer dizer, então é o primeiro evento grande, assim, o tamanho que tu diz, porque tu já tinha feito conferência, né?

Thamires: Sim, sim. Mas aí em sala menor. Tudo bem que tinha outras línguas, tinha inglês e espanhol, mas era menor, não sei, parece que um lugar menor é mais confortável do que um maior. Um maior parece que a magnitude...

Entrevistadora: Aham.

Thamires: Sabe?

Entrevistadora: Nesses menores tu ficavas nesse destaque que fica?

Thamires: Sim.

Entrevistadora: Porque nesses eventos tu fica acima, alto, todo mundo te vê.

Thamires: Sim. Mas no outro você não ficava tão destacado, ficava mais ou menos no mesmo nível dos palestrantes, assim, de altura. Por mais que tivesse uma câmera na minha frente, o que já aconteceu, eu já fiquei mais calma, porque era um lugar que eu tinha ido várias vezes, então, não tinha assim. Aqui também tinha outros intérpretes. Não era apenas mais um. Eram vários. E famosos. Piorou. (- risos) Porque aí você fica: "ai, meu Deus, ai, meu Deus". (- risos) Você fica atenta...

Na fala da intérprete percebe-se que a sua exposição frente a um grande público lhe gerou inquietações e desconforto, ainda mais por estar na presença de pessoas com titulação acadêmica (com muito conhecimento, na visão dela) e pessoas com muita experiência como intérpretes (que poderiam vê-la e criticar sua forma de atuar).

A exposição como fator de comprometimento da atuação é destacada por Magalhães Junior (2007).

Se imagino que não posso errar, e que todos na plateia estão ali para me julgar, crio um nível de tensão absurdo. No início da carreira, o que mais nos mete medo é o público. Quanto mais gente na plateia, pior, [...] O grande limitador de rendimento na tradução simultânea é o emocional, não o linguístico. (p. 65)

A própria intérprete conclui que sua atuação foi de algum modo comprometida pela exposição, quando diz que "o externo influenciou o interno", pelo fato de ter ficado à frente de muitas pessoas desconhecidas e com um destaque

maior do que de costume. Talvez se ela pudesse sinalizar sem olhar para a plateia, pudesse se sentir mais à vontade.

Percebe-se, também, que apesar de ter experiência com a interpretação simultânea, a intérprete protelou o quanto pode o momento de atuar em um grande evento, pois ela diz claramente que o cargo das pessoas presentes e a magnitude do evento a incomodam, a ponto de não aceitar convites para atuar em determinados eventos, preferindo atuar em ambientes menores que lhe trazem uma sensação de calma.

Segundo a intérprete, para além da interpretação, há a sensação de estar sendo avaliada, tanto pelo público alvo de seu trabalho, quanto pelos outros profissionais ali presentes, que segundo ela eram “famosos”, com mais experiência e destaque, o que a deixou mais alerta para sua própria atuação e contribuiu ainda mais para o aumento da tensão sentida diante de tal plateia.

As relações sociais que constituem cada indivíduo marcam suas reações frente a novos contextos. E o atuar em um grande evento trouxe a intérprete sentimentos impactantes, já que para ela esse ambiente era novo e de certo modo, inibidor.

Uma fala de outra intérprete também aponta o desconforto causado pela dimensão do evento, “Karina: Então assim eu era bem novinha de casa e já páh, fui para um congresso TOP, né. Você já recebe esse choque”. Nessa passagem, transcrita integralmente em outro momento nesta pesquisa, a intérprete confere ao evento uma seriedade que traz uma demanda adicional para sua atuação, o que também gera tensão emocional.

Outro episódio selecionado destaca o momento em que o intérprete Bruno atuava em uma sessão de comunicação oral, na qual a coordenadora era uma surda, professora universitária, já conhecida por ele. Seus comentários foram feitos durante a primeira apresentação do trecho, sem áudio, dando pausa em alguns momentos para poder falar. O intérprete identifica o momento da sua atuação pela posição em que se encontra no vídeo, e busca suas memórias de longo prazo para tentar contextualizar sua atuação.

Bruno: *Isso é uma das questões que interfere também, por isso que mais uma vez eu falo da questão do contexto. Para quem eu estava interpretando se fosse para a Nayara eu interpretava de uma forma, se fosse para vários surdos em momentos que a gente tinha, e*

estavam todos os surdos do CBEE reunidos, eu interpretava de uma outra forma. Então o contexto também interfere nos meus discursos, em língua de sinais, na minha reescrita.

Entrevistadora: *E você já tinha tido contato com a Nayara? Com eles todos?*

Bruno: *Com a Nayara sim, mas os momentos que eu ficava muito mais à vontade era quando eu conhecia as pessoas que eu estava, para quem eu estava interpretando, Nayara, Breno. Eu ficava mais à vontade, mas quando tinha aqueles surdos que eu não conhecia eu ficava um pouco inseguro, aí isso interferia na minha interpretação. Então toda hora eu tinha que olhar os slides porque eu não queria perder, não porque eu queria fazer um bom trabalho e por fim isso compromete.*

Entrevistadora: *Aham*

Bruno: *Mas se foi o momento da Nayara esse aí, foram os momentos que eu fiquei à vontade. Dentre alguns outros momentos, teve um momento que eu trabalhei com a Cláudia, que foi uma surda se eu não me engano uma gaúcha que apresentou um trabalho e eu interpretei voz para ela, fora desse contexto de interpretação de línguas de sinais, mais foi interpretação de voz. Mas eu fiquei muito à vontade, porque o ambiente favoreceu isso, então eu tinha a Maria como apoio nesse momento e eu tinha estudado o material da Cláudia porque eu já sabia que eu ia interpretar a palestra dela, então, eu conhecia a palestra de cabo a rabo e a Cláudia foi super receptiva, a gente conversou antes e então tudo isso favoreceu a minha atuação, todos os presentes compreenderam com clareza essa questão de contexto.*

Entrevistadora: *Aham.*

Bruno: *E, mais eu lembro muito bem dessa, desses momentos de troca assim com os surdos.*

Entrevistadora: *Foi bom.*

Bruno: *Foi bom. No meu primeiro dia eu não conhecia a maioria dos surdos que estavam ali. Quando eu tinha a oportunidade eu procurava me aproximar deles. "Tudo bem? E aí? Tentava ter um feedback, não só no sentido de "E aí você gostou do meu trabalho?". Não é isso, mas no sentido de, para mim, ficar mais tranquilo no segundo dia, para eu ficar mais tranquilo no segundo dia. Você coloca o Bruno falou (ininteligível) caiu, pode colocar.*

Entrevistadora: *Pode deixar.*

Bruno: *Para eu poder ficar mais tranquilo no segundo dia entendeu. Eu acho que é importante esta troca de experiências com os surdos e falar "Ah eu interpretei tal...beleza", eu acho que mais assim ou de repente nem perguntar se. Eu nem perguntava se tinha ido bem meu trabalho, mas me apresentava e "E aí tudo bem? O meu sinal é esse. E aí, você veio de onde", eu tentava me aproximar para criar ali um momento que eu pudesse falar, "Ufa amanhã eu vou estar mais tranquilo", porque foram três dias, então o primeiro dia foi tenso, o segundo dia foi mais tranquilo e o terceiro dia foi um momento muito*

emocionante porque a gente teve uma oportunidade de ter um feedback com os intérpretes que trabalharam e com os surdos que estavam lá também. Então eu acho que foi, para mim eu falo que foi assim, foi um marco para a minha atuação profissional a interpretação no CBEE.

Nesse episódio, a exposição foi diferente, pois o intérprete trabalhou em uma sala menor, durante a modalidade de comunicação oral do evento. Assim, a exposição física (arquitetônica) é menor se comparada à exposição durante palestras principais, como foi relatado no episódio anterior, mas mesmo assim traz implicações.

O intérprete comenta que a exposição é mais tensa quando seus interlocutores surdos são desconhecidos, pois assim ele não tem como antecipar os modos de dizer e suas expectativas. Isso, no evento, provocava insegurança e fazia com que ele se preocupasse mais, a ponto de recorrer a estratégias diferentes, como olhar constantemente para os *slides*, para não perder nenhum conteúdo na interpretação.

Entretanto, quando ele já conhece os surdos ou consegue se preparar em relação ao conteúdo sobre o qual a palestra será dada, o intérprete demonstra-se bastante confortável, porque isso traz uma sensação de maior tranquilidade.

Tradução simultânea não é só arte e improviso. É também ciência e método. [...] Requer a mais absoluta concentração, sem perder de vista qualquer elemento periférico de comunicação: os gestos do colega, a reação da plateia, o texto dos *slides*, a linguagem corporal do palestrante. Imerso nessa atenção, ciente de sua responsabilidade, familiarizado com o jargão específico e na companhia de um colega consciencioso, o intérprete parece mesmo relaxar e entrar em transe. Mas sua mente está sempre ativa. Sua atenção é constante. Na busca entre uma palavra e outra, está a todo momento aplicando um grande número de táticas, consciente ou inconscientemente. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007; p. 137).

As relações humanas interferem diretamente nas ações de cada indivíduo. Laços mais próximos trazem segurança, enquanto laços distantes, ou inexistentes, como foi o caso descrito pelo intérprete, fazem com que uma preocupação exacerbada seja criada. Assim, a atuação do profissional foi alterada, e esse exagerou na frequência com que consultava os slides do palestrante, como o próprio participante avaliou. Por causa da tensão sentida naquele momento, cada olhada

para os slides pode ser vista como uma fuga do intérprete, que se apoiava na falsa ideia de que se não perdesse nenhuma informação, sua atuação seria melhor.

Como essa situação desencadeia sentimentos inquietantes ao intérprete, a solução encontrada por ele foi buscar conhecer seus possíveis interlocutores, em momentos informais, e criar um elo com eles, para que pudesse desenvolver suas atividades com mais segurança. Ele não ficou parado frente às dificuldades que enfrentou no primeiro momento, e foi tentar solucionar o que considerou um problema, por interferir diretamente em sua atuação.

Destaca-se, por fim, que a exposição do intérprete não está relacionada somente ao se mostrar fisicamente para um público específico, mas também ao colocar-se em destaque frente à pessoas desconhecidas que, na visão dos intérpretes, avaliarão sua atuação.

Além da exposição frente a grandes públicos ou públicos desconhecidos, outro ponto importante de ser destacado é a posição que o intérprete ocupa durante sua interpretação.

4.3 A Posição

O tema (III) de análise é a Posição. Esse tema está relacionado especificamente ao local em que o intérprete fica no momento de sua atuação. Sobre esse ponto de análise, apresentam-se as falas do intérprete Bruno, pois foi o único que destacou esse tópico em sua autoconfrontação, muito provavelmente por já ter essa experiência em seu curso de especialização, o que lhe permitiu visualizar pontos distintos além daqueles percebidos pelos demais intérpretes.

Nesse primeiro episódio, sua fala foi feita no momento em que visualizava o trecho apresentado, já com a voz, ou seja, depois de sua terceira visualização.

Bruno: Não ouvi, olha o que [ininteligível] eu faço: - "não entendi". Aí nessa hora aqui, olha que interessante, é a hora que ela falou "vamos juntos e juntas". Bom, "então vamos começar" aí eu olhei para ver o que que nós vamos começar, para ter uma geral. Importante que a gente consiga ver isso, o que está acontecendo no slide.

Entrevistadora: Sim.

Bruno: Isso já aconteceu comigo quando eu não tinha tanta experiência de Conferência eu interpretava "vamos ver as duas

imagens", eu falava "vamos ver essas duas imagens". Aí não eram duas imagens, eram DUAS imagens [mostra com as mãos as posições diferentes que as "imagens" poderiam ter]. Então eu comecei a entender que não se faz dessa forma assim até se entender o que está acontecendo. Então dar uma olhadinha para trás não mata ninguém. Mas ela é importante para que o discurso de sinais não se trunque, não tropece.

Por se tratar de interpretação de uma língua gestual/visual, compreende-se que o intérprete de Libras deve ficar à frente da plateia, em local desprivilegiado para o bom desempenho de seu trabalho, pois ao ser colocado no palco, geralmente fica ao lado ou de costas para o palestrante e a tela de projeção.

E essa posição desfavorável fica clara na fala do intérprete Bruno, que acaba tendo sua atuação dificultada. Por conta disso, ele precisa se virar para ver o que está acontecendo ou o que é projetado nos slides, o que demanda mais tempo e quebra o ritmo de fala. Porém, segundo o intérprete, isso é necessário para que o discurso não fique truncado.

O próximo episódio destacado também alude à mesma situação, mas no momento após fazer a voz em uma palestra que tratava do tema 'tecnologia assistiva', no momento selecionado falava de uma tecnologia para pessoas com limitações motoras.

Bruno: *A foi eu achei que estava legal, estava interessante. Eu gostei do "Hum" [sinalizando o aparelho de TA na boca] eu fiz assim, eu nem sei se eu, eu acho que isso aconteceu na hora. Vendo você tem uma noção tridimensional do que está acontecendo, então é muito importante por isso que eu digo, o discurso original, a palestra, o enunciado, o primeiro enunciado, ele não é somente o texto que ela está falando, não é só a fala dela que eu tenho que prestar atenção. Eu tenho que saber o que está acontecendo no slide, eu tenho que saber o posicionamento dos surdos em relação ao slide porque se os surdos estiverem em uma posição que eles conseguem visualizar o slide muito bem, isso vai interferir na minha dinâmica de interpretação então, eu achei que foi claro.*

Percebe-se pelos relatos que por se tratar de uma língua gestual, o ambiente é extremamente importante para a compreensão do que está sendo dito e que ao se interpretar é importante garantir ao surdo a compreensão do todo. Dessa forma, o intérprete além de sua preocupação com a interpretação da fala do

palestrante, deve também se preocupar com as informações visuais citadas, mas que podem passar despercebidas pelos surdos por conta da posição do intérprete.

Pagura (2010) destaca do Regulamento da APIC⁹ a seção denominada “Das Condições de Trabalho”, mais especificamente seu Artigo 2º que

destaca, inicialmente, as condições de audição, visibilidade e conforto. Não é raro o contratante não entender por que razão o intérprete insiste em ter visão do que está acontecendo, em vez de somente audição. [...] Na verdade, o intérprete trabalha, sobretudo, com todo o contexto da situação, sendo-lhe fundamental saber quem fala em determinado momento, quais são as suas expressões faciais e corporais, que outros recursos está utilizando, além da fala – slides, objetos, etc. (p.88)

Com isso, compreende-se que a visão do que está acontecendo é tão importante quanto a clareza na transmissão das informações. O lugar desfavorável em que geralmente se posiciona o intérprete de Libras é, então, mais um elemento que prejudica ou compromete sua atuação, porque esses perdem informações visuais fundamentais para a transmissão das ideias do palestrante.

Se para a interpretação de línguas orais a visibilidade do ambiente é importante para a troca de informações, para as línguas de sinais elas são ainda mais necessárias, pois a visualidade faz parte da língua.

Na conferência, o ILS não pode ficar se deslocando à procura de uma posição melhor, pois essa questão deve ser pensada *a priori*, antes do início do trabalho, pois interfere diretamente na sua atuação. Em geral, sabe-se que palestras são acompanhadas de *slides* e vídeos, e visualizar esse material é essencial e contribui significativamente para a atuação do intérprete, seja ele de línguas orais ou de sinais.

⁹ Associação Paulista de Intérpretes de Conferência

4.4 O Preparo

O tema (IV) de análise é o Preparo, em que se discute a preparação do intérprete para antes do ato interpretativo. Seja em eventos, ou em ambiente escolar, é necessário um preparo anterior, em que o intérprete deverá buscar informações acerca do que irá interpretar. Além disso, há a necessidade de formação inicial e continuada, e ainda um constante preparo em diversos assuntos específicos do campo de atuação de cada profissional.

Atuar como ILS implica ter em mente que será solicitado a interpretar sobre uma miríade de temas. Ainda que o intérprete saiba que o palestrante falará sobre uma dieta adequada e saudável, nada impede que em seus exemplos, metáforas e digressões ele fale de política, golpes de judô ou qualquer outro tema inesperado para o profissional. Nesse sentido, cabe uma preparação ampla e um conjunto de conhecimentos diversos que possa ser acionado nas mais diferentes situações.

A formação é fundamental, pois dá ao intérprete ferramentas para contornar situações e fazer as melhores escolhas enunciativas. Mas o conhecimento de mundo é indispensável, pois dá a capacidade de o intérprete buscar analogias em fatos gerais, e contribuiu para um bom desempenho na interpretação.

As colocações da intérprete são feitas durante a apresentação do trecho na terceira vez, já com o áudio.

Karina: *Nossa, sem comentários, esses nomes assim super... e aí tem a questão do preparo para a interpretação nesse contexto, porque, por exemplo, você vai trabalhar na abertura de um evento e aí você já sabe que na abertura do evento eles apresentam as pessoas e a formação dessas pessoas e em que elas trabalham e tudo mais, só que esse tipo de material ele não é disponibilizado pra gente embora você também tenha a opção de já saber quem vai compor ali e fazer uma pesquisa a parte como já aconteceu de outras vezes de eu interpretar ou em fim outros contextos. E já sabendo o que acontece isso já me preparar antes, mas como estávamos numa equipe de três ou quatro pessoas eu não lembro, então a gente nunca não sabia o que ia cair na interpretação do quê, então acabou não havendo esse preparo devido a minha própria inexperiência eu acho que foi bem tensa essa parte que ela falava, universidade de [blá, blá]. Você opta pela omissão né, porque você vai fazer o quê você vai interpretar errado? Não, eu prefiro universidade nos Estados Unidos, não deixa de ser eu só não falei o nome da universidade, então assim, mas compromete a interpretação, não a interpretação compromete acho que a fidelidade do texto assim, sabe.*

Nesse episódio, a intérprete levanta a importância de se preparar previamente para a atuação – se ela conhecesse antecipadamente o currículo dos participantes, verter em sinais os nomes e termos seria muito mais simples. Apesar de ter escutado, ela não sabia com certeza os nomes e preferiu excluí-los na interpretação.

Outra questão são os idiomas diferentes. Como fazer a datilologia de uma palavra em francês, como o nome da universidade do palestrante? Não se trata apenas do conteúdo da conferência, mas das apresentações, de aspectos do currículo dos palestrantes, entre outras informações diversas, que quando não são disponibilizadas previamente, prejudicam o trabalho do ILS.

Em outro episódio, os materiais sobre as palestras foram todos disponibilizados pelo evento. Porém, como a intérprete relatou, por estarem em equipes de quatro pessoas em média, não havia como saber qual palestra seria interpretada por cada um, devido a mudanças de última hora, sendo necessário um estudo de todos os materiais, o que seria muito difícil, em um evento com três dias de duração e aproximadamente trinta atividades diferentes, com palestras sobre muitos temas. Dificulta-se um preparo refinado para a atuação, pois o espaço de tempo entre as atividades é muito curto.

Logo após a exibição do terceiro trecho apresentado ainda sem áudio em sua primeira visualização o intérprete faz seu comentário e sua fala corrobora a ideia anteriormente apresentada.

Bruno: ... Mas eu usei uns classificadores que eu achei legal, que como eu disse estudar palestra é muito importante, ter acesso ao conteúdo antes é muito importante, todas elas eu tive acesso ao conteúdo, porém algumas eu tive mais afinidade para conseguir buscar mais material também na Internet e ver como se fala sobre isso em língua de sinais.

Entrevistadora: Você pegava resumo das palestras? Das palestras todas?

Bruno: Sim, todos os resumos a gente pegou. E inclusive aquelas que a gente ia interpretar, por exemplo, que eu não estava escalado para interpretar tal palestra mais em alguns momentos eu tive que ir para aquele lugar então a gente recebeu de tudo "Você vai estudar isso, isso e isso, porque essa é a tua escala, mas saiba que pode ser que você esteja aqui, pode ser que você esteja ali, pode ser que você esteja lá, ". Então a gente estava preparado para esta

flexibilidade. Até ... essa é uma das dificuldades de se interpretar um evento grande assim, que existem várias opções e você não consegue se especializar em uma especificamente, porque o surdo tem direito de ter acesso até aqui. Mas o que favorece é que se ele marcou que vai estar aqui e a gente estudou para estar aqui, o discurso em línguas e sinais ele sai muito mais claro, sai muito mais interessante para mim foi interessante assistir essa aqui, porque eu não consigo usar, eu não sei como se fala o nome desse recurso aqui que você encaixa o equipamento e tem uma ponta para quem não tem a firmeza motora, [sinaliza CL (classificador) enquanto fala] mas ficou claro e acho que para o surdo isso também ... ficou claro.

Nesse episódio, o intérprete também frisa a importância de estudar as palestras antes de interpretá-las, buscando sua melhor atuação, para não se surpreender com palavras ou assuntos totalmente desconhecidos. Mesmo assim, manter a flexibilidade é necessário em grandes eventos, pois inúmeros imprevistos podem ocorrer, como a troca da palestra que os surdos estavam inscritos, ou a mudança de intérprete em determinado local, etc. Muitas coisas podem acontecer nesse ambiente e o intérprete deve estar preparado para enfrentar situações diversas e inesperadas.

O ideal é se preparar com antecedência, mas devido à quantidade de variáveis que podem ocorrer no contexto de conferências, é pouco provável. O intérprete afirma que quando está preparado, a possibilidade de usar melhor a LS uma vez que tem tempo para refletir sobre a melhor forma de transmitir corretamente a ideia, o que favorece a compreensão pelo surdo daquilo que é enunciado.

Percebe-se também que mesmo o intérprete se preparando, há uma afinidade com alguns temas e outros não, fazendo com que sua atuação flua de maneira diferente dependendo do tema apresentado.

Ainda sobre esse ponto, destaca-se, nos estudos de Pagura (2010), o código de ética profissional da APIC, mais especificamente ao artigo 4º que se refere ao bom desempenho do profissional. Para que esse desempenho seja de qualidade,

é fundamental que tenha acesso ao máximo possível de materiais da reunião em que vai atuar, algo nem sempre muito fácil de se obter dos contratantes, que muitas vezes não conseguem entender a importância de o intérprete estar familiarizado com o assunto que vai interpretar ou têm medo que o intérprete venha a revelar os assuntos de uma reunião antes que ela aconteça. (PAGURA, 2010 p. 86).

As dificuldades de se preparar antes da atuação não são exclusivas dos profissionais que trabalham com línguas de sinais. Os intérpretes de línguas orais passam pelas mesmas dificuldades, pois a questão está no contexto de trabalho, quando organizadores desconhecem a importância que o preparo do profissional possui para a adequada transmissão de informações.

Dentro da temática Preparo, ainda se destacam episódios que retratam a importância da formação inicial e continuada do ILS. Esse comentário foi feito após a apresentação de todos os trechos selecionados, ao final, depois de falar sobre o último episódio visualizado, o intérprete fala um pouco do momento profissional que passava durante sua atuação no evento focalizado:

Bruno: *Eu estava começo da minha pós-graduação. Então eu estava sobre um olhar um pouco mais técnico de tradutor, estava começando, hoje eu já estou agora em julho, eu já tive bastante aula de interpretação, tanto de línguas de sinais quanto de interpretação de voz. Então eu consigo ver muitos elementos que estão frescos na minha cabeça da minha formação agora da pós, está aqui eu consigo olhar isso. Mas como eu tinha te dito, às vezes me dói um pouco. Nossa como é difícil se ver.*

A formação inicial traz conhecimentos teóricos e práticos que farão toda a diferença para uma atuação de boa qualidade do intérprete, além de lhe propiciar um olhar mais detalhado e técnico sobre seu próprio desempenho. Nessa fala do intérprete, percebe-se a formação como uma possibilidade de refletir sobre o seu fazer (não necessariamente durante a interpretação), em busca de uma atuação sempre mais adequada.

Nesse episódio o intérprete inicia sua fala durante a apresentação do trecho sendo sua primeira visualização. Ele pediu para pausar para poder falar e não perder suas ideias, também destacando:

Bruno: *Congresso grande como esse, e vários dias, consegui refletir muito sobre minha atuação e uma das questões que eu consigo olhar agora, e depois da formação da pós-graduação me permitiu enxergar são os blocos de informação. Em alguns momentos eu coloco ponto final onde não tem, entendeu. Que quando você tá aaaa [sinaliza como se estivesse falando em libras, para, olha para o lado e une as duas mãos], você para, olha e você continua, ah isso para o surdo é um... entendeu, mas hoje eu consigo enxergar isso. Porque eu estou tendo dificuldade em entender em alguns momentos.*

O intérprete comenta sobre sua atuação com relação aos blocos de informações e as pausas mais longas que o necessário. Esse destaque foi feito, pois o intérprete percebeu que houve uma mudança na pontuação feita pelo orador, sendo essa prática avaliada de forma negativa pelo intérprete. E pode-se afirmar que esse tipo de comentário só pode ser feito pelo intérprete devido à sua formação do profissional, que lhe trouxe conhecimentos e condições de analisar sua própria atuação de forma mais técnica.

Além da formação, outro ponto relacionado ao preparo do intérprete é o conhecimento de mundo que ele possui, os seus conhecimentos que extrapolam os livros e academia, adquiridos nas suas relações cotidianas e interesses particulares, como percebemos na fala do intérprete no momento em que visualizava o trecho selecionado pela terceira vez, já com o áudio.

Bruno: *Porque eu estou interpretando o segundo colegial e as aulas de filosofia estão sendo sobre a Escola de Frankfurt e aquilo eu nem sabia o que é a Escola de Frankfurt. Porque aí eu ainda não trabalhava no ensino médio. Eu não conhecia essa área da filosofia e agora começa a fazer sentido para mim, então quando eu ouvi Escola de Frankfurt é importante, agora eu consegui linkar, agora eu consegui interpretar. Talvez se eu não tivesse interpretado hoje no ensino médio, dentro dessas últimas aulas da escola de Frankfurt, eu acho que talvez eu ficaria inseguro em interpretar a voz. E aí entra a questão de conhecimento de mundo de um intérprete.*

Entrevistadora: *Aham.*

Bruno: *Que quanto mais conhecimento de mundo a gente tem, mais segurança a gente tem para discorrer em sinais naquele assunto mesmo em português. Então eu acho que. Só um parêntese que eu acho interessante falar também, que até então eu não conhecia.*

[...]

Bruno: *Sem o contexto você não sabe o que é isso. Então tem alguns momentos, eu percebo essa dificuldade, porque nós enquanto intérpretes generalistas, que a gente acaba tendo que ser, a gente acaba não conhecendo de tudo um pouco, quer dizer, acaba conhecendo de tudo um pouco. Mas não com profundidade. Um pouquinho de tudo, então isso também compromete, mais eu achei que como um todo ficou claro.*

Esse conhecimento torna-se importante para a atuação do ILS que atua com temas muito diversificados.

Um bom alpinista está apto a transitar por diferentes terrenos; um bom intérprete, por diversas áreas do conhecimento. Por isso mesmo, a busca por conteúdo deve ser da mesma dedicação que se emprega no desenvolvimento das línguas. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007; p. 204)

Segundo o intérprete, ter um conhecimento diversificado é importante para o trabalho de um ILS, ainda que superficial, pois esse poderá interpretar vários assuntos. Ainda que o intérprete não tenha conhecimentos aprofundados a respeito do tema em questão, sua atuação pode ser perfeitamente compreendida, caso o surdo tenha conhecimento sobre o assunto. Isso fica ilustrado na pesquisa de Santiago (2013).

No momento de interpretação apresentado aqui, podemos verificar que as informações circulantes nesta aula, vão além das palavras da professora, estão no extenso manual que a professora usa e que o aluno surdo tem na tela do seu notebook, estão nas discussões dos projetos de arquitetura que os grupos de trabalho estão desenvolvendo, estão na troca de e-mails entre a professora e os alunos sobre os projetos. E essas informações eram estranhas aos IEs¹⁰, os alunos conheciam o manual, a professora também e eles falavam de um implícito nada claro aos IEs, portanto, durante toda a aula os IEs seguiam buscando a compreensão e a construção de sentido, que se configura atividade árdua nesse terreno. (SANTIAGO, 2013 p. 73)

A interpretação é, então, a somatória do conhecer bem o tema e do saber enunciar mesmo quando se conhece superficialmente, vertendo o conteúdo sem poder se envolver muito com a informação.

Ainda sobre esse tópico, no próximo episódio temos a fala da intérprete logo após fazer a sua voz para uma interpretação que falava sobre surdocegueira e a relação de linguagem.

Thamires: *Eu acho que nesse, nesse tema você consegue diferenciar bem a língua de sinais, consegue dar uma contextualização. Esse tema eu gostei muito.*

Entrevistadora: *Aham. E por quê?*

Thamires: *Por quê? Porque você já, não sei se é o tema que eu já tenho conhecimento, não que eu tenha conhecimento...*

Entrevistadora: *Sim.*

Thamires: *...mas a gente já ouviu, sabe? E eu gosto disso, desse, é Bakhtin, né?*

¹⁰ Sigla utilizada pela autora para se referir aos Intérpretes Educacionais.

Entrevistadora: É. Também.

Thamires: *Essa relação com o outro, também. Então, eu gosto desse terreno. Não sei, acho que eu consegui, eu acho, né, porque depois, eu consegui tentar mostrar realmente essa questão abstrata da importância e dos exemplos que a pessoa deu, dessa relação com o humano e a importância disso.[...]*

Thamires: *Olha, que interessante. Eu já vi outras vezes, eu fazendo isso, mas eu nunca vi eu, eu mesma, assim.*

Entrevistadora: Ah, tá. (- risos)

Thamires: *É, dependendo do tema ser tão íntimo, não sei se do tema, mas você se sente tão seguro, você sabe o que a pessoa vai falar depois.*

Entrevistadora: Hum. [...]

Thamires: *Eu gostei, mas eu gostei quando ela estava falando o, a teoria, antes não. Quando ela estava falando dela, que ela era professora, nã nã nã, eu entendi totalmente diferente. (- risos) Distrito Federal, [sinaliza] é Distrito Federal, a louca. É, não sei o que... [sinaliza, fica pensando no sinal]*

Thamires: *No outro eu vi bem isso, literal. Esse aqui eu acho que no começo foi, porque eu não entendi. No começo foi literal. Depois o outro, eu gostei. Eu gostei desse conteúdo.*

Entrevistadora: A segunda parte tu fez a voz até bem mais rápido.

Thamires: *É, porque você, né, você tem um conforto, uma afinidade com aquilo. "Ah, ela está falando isso, isso eu sei".*

Entrevistadora: Aham.

Thamires: *Porque está falando isso, isso e isso. Ficou bem mais claro para mim a segunda parte do que a primeira. Bem mais claro. Ah, meu Deus!*

Entrevistadora: *Talvez seja por isso, então. Pela proximidade do conteúdo mesmo.*

Esse conhecimento geral acerca do que está sendo trabalhado traz certo conforto ao intérprete no momento de sua atuação, pois se o tema já é conhecido e o intérprete tem afinidade com ele, o trabalho flui melhor. O tema conhecido reassegura o fazer do intérprete, que fica menos tenso e atua com maior segurança. Há uma interferência importante em como ele se vê e como ele desenvolve sua atuação. Mesmo nesse contexto ocorrem equívocos, pontos que não entende e que então verte para a LS de forma inexata, isso é inevitável nesse campo de atuação.

... fica claro que os conceitos-chave do discurso a serem interpretados devem ser compreendidos, em maior ou menor grau, pelo intérprete a fim de que ele possa organizar as suas enunciações de forma coerente com os sentidos pretendidos. Percebeu-se que o IE não havia se preparado para esta aula, não tinha o conhecimento prévio do tema que seria abordado, tampouco podia contar com um texto claro vindo da enunciação da professora, desta forma seu trabalho tornou-se árduo em um terreno árido. Portanto, podemos concluir que o conhecimento prévio e o estudo sobre a temática da aula proporcionam ao intérprete melhores condições para generalizar o texto que está sendo interpretado e fazer as melhores opções estratégicas na interpretação no caminho do sentido. (SANTIAGO, 2013, p.75)

Além dessa diversidade de conhecimentos, aparece na fala dos intérpretes a experiência como sendo fundamental para a boa atuação. Não só as próprias experiências, mas também a de colegas de profissão. Essa percepção é vista na fala da intérprete após fazer a voz do terceiro trecho selecionado que tratava de uma palestra sobre educação básica brasileira.

Karina: *Então assim eu era bem novinha de casa e já páh, fui para um congresso TOP, né. você já recebe esse choque. Por que? A referência de libras que eu tinha até então era surdos da comunidade que usa um tipo de libras que usam sabe, que estruturam tua fala de um jeito, mais pra um contexto informal, claro que já tive atuações em contextos formais também, mas não desse porte e isso tudo influência, e você vem com uma libras carregada de gírias, sabe, sutilezas da língua que você usa em outros contextos, quando você pega esses outros contextos, você tem que dar meio que uma limpada, não é, e aí a dificuldade, então esse contato que eu tive a partir da minha entrada aqui até hoje contribuiu muito no crescimento, assim da questão da Libras, da apropriação da língua da utilização da língua, até mesmo de termos sabe assim, mais acadêmicos, porque não tinha essa experiência na época, então...*

Pesquisadora: *Os surdos que convivia não era os surdos da academia?*

Karina: *Não, imagina, surdo da academia fui ver agora nunca tive contato com o surdo da academia, é o surdo da associação, você entendeu? Esse tipo de surdo, foi esse tipo de surdo que eu aprendi libras.*

Pesquisadora: *Você aprendeu na associação né?*

Karina: *Eu aprendi Libras no... com os surdos.*

A ILS percebe as variações linguísticas da Libras. Existe a língua usada em contexto informais, por surdos com menos acesso ao espaço acadêmico, e a língua

usada no espaço acadêmico. Essa percepção é fundamental, porque usar a variante de língua adequada ao contexto impacta muito no trabalho do intérprete.

Na verdade, como costume dizer, o que habitualmente chamamos de português é um grande “balaio de gatos”, onde há gatos dos mais diversos tipos: machos, fêmeas, brancos, pretos, malhados, grandes, pequenos, adultos, idosos, recém-nascidos, gordos, magros, bem-nutridos, famintos etc. Cada um desses “gatos” é uma variedade do português brasileiro, com sua gramática específica, coerente, lógica e funcional. (BAGNO, 2013 p. 32).

Esse mesmo preceito apontado por Bagno (2013) pode ser considerado na Libras, pois assim como nas línguas orais, há uma grande variedade linguística, cabendo ao intérprete saber utilizar a variedade adequada a cada ambiente, levando em consideração a formalidade/informalidade, idade, gêneros, etnias, etc.

Conhecer todas as variedades é uma tarefa inimaginável, mas estar sempre buscando conhecimentos em cada variedade linguística é extremamente importante para o ILS, pois existem modos diferenciados de dizer a mesma coisa dentro de um determinado contexto. Na fala de Sobral (2008, p. 132) “o intérprete tem que ser um profissional capaz de entender quando deve dizer o que a quem e de que maneira, a depender de onde ele esteja e quem esteja envolvido.”.

O intérprete não só encontra correspondentes de uma língua em outra, mas sim, traduz discursos que “vem a existir fundamentalmente por meio de um processo de produção de sentidos realizado por, para e entre sujeitos.” (SOBRAL, 2008 p. 59).

Sobre a troca de experiência entre intérpretes:

Bruno: *Não que isso seja certo ou errado, mas isso faz parte da formação. Foi super importante ter trabalhado com os intérpretes mais experientes nessa esfera de trabalho de atuação, porque eu consegui enxergar isso. E o Sandro me falou sobre essas questões assim. Então eu consegui observar coisas que eu não tinha observado. Então é interessante você ter momentos de interação dentre intérpretes de diferentes níveis, nesse tipo de evento. Então, só isso que eu queria pontuar. Quando eu preciso dar um tempo, em alguns momentos a gente precisa dar o tempo então eu tenho que deixar isso bem marcado quando é tempo, quando é o, as paradas dos discursos.*

O intérprete ressalta a importância de se ter contato com profissionais mais experientes, pois o aprendizado não se dá apenas em salas de aula, cursos, mas também nas relações entre pessoas com diferentes conhecimentos e experiências a serem trocadas. Ao atuar com um colega com mais experiência, o intérprete menos experiente ganha a possibilidade de crescimento por meio da observação, analisando as escolhas e estratégias do outro, além de receber contribuições significativas com relação a sua própria atuação. Essas contribuições irão ajudar na reflexão sobre o seu modo de atuar.

4.5 A Autoconfrontação

A técnica da autoconfrontação foi usada neste estudo com a intenção de dar maior visibilidade ao fazer do intérprete no contexto de conferência. Contudo, a própria técnica revelou-se muito importante para o processo de reflexão, revelando-se pertinente sua discussão com os participantes, já que “através de uma relação dialógica com o objeto, a atividade filmada, pode-se compreendê-lo em um novo contexto, o que é essencial para que haja transformação da ação.” (LOUSADA, 2004; p 289).

Neste episódio, observa-se a dificuldade enfrentada pela intérprete de entender o que ela mesma disse na língua alvo, durante sua interpretação. Ao visualizar um dos trechos selecionados para ela analisar na autoconfrontação, a intérprete sente bastante dificuldade, tanto para compreender, quando para fazer a sua própria voz no segundo momento da autoconfrontação de um dos trechos selecionados.

Karina: Nossa muito difícil, muito, muito.

Pesquisadora: Mas por conta do que?

Karina: De mim, não entendi muito o que eu falei ali, não ficou claro a informação para mim não ficou claro diferente do outro vídeo que na hora: - falando disso, disso está falando de fulano, que fez isso. Não, aqui a informação ficou mais truncada eu peguei o contexto, mas para eu dar voz para mim aqui não rolou assim, ficou bem tenso, bem complicado. Ah como é difícil fazer isso! Você tinha que escolher esse método de autoconfrontação que te deixa depois arrasada.

Karina: É bacana você refletir sobre a sua prática, isso te traz crescimento.

Pesquisadora: Total.

Karina: Total, total, muitas coisas que eu estou vendo nesse vídeo eu não faço nunca mais, tipo, é sério é muito bacana eu acho que...

Pesquisadora: Essa não compreensão deles agora, por exemplo, tu pensas na estrutura da língua na forma como você usou.

Karina: Na forma que eu estruturei a informação, com certeza! E eu acho que a gente está em constante formação. Então assim, nesse dia para esse discurso eu interpretei dessa forma. Talvez hoje para esse mesmo discurso eu interpretaria de uma maneira totalmente diferente e ainda mais me assistindo, talvez de uma maneira muito mais clara, sabe assim? Eu não sei, eu acho que a gente está em constante formação, hoje com certeza faria totalmente diferente mesmo não tendo visto esse vídeo, sabe assim.

Pesquisadora: Ah, com certeza são seis meses já depois.

Karina: Seis meses dá para aprender um pouquinho mais né, vamos ouvir o que ela está falando para ver que faz sentido isso. [...]

Tipo, na própria, na estruturação com certeza foi totalmente diferente, na utilização do espaço totalmente diferente construiria esse. Sabe assim? É outra coisa.

Onde ela falou “é muito complexa é muito mais complexa” eu retornei a fala dela anterior e cumprimentei de outra forma, sabe assim? Você percebeu isso?

Não foi isso que ela falou, é muito mais complexa é muito mais, mas essa complexidade eu optei por retomar o que ela havia falado para ela enfatizar isso é complexo, mas sem usar a palavra [sinaliza complexo]. Sabe?

Nossa faria muito diferente, não usaria nada. Sério. Sério.

Pesquisadora: E não é um tema desconhecido.

Karina: Não é um tema desconhecido, mas de repente a maneira como foi estruturado a fala e a maneira como eu quis conduzir a interpretação que foi bem assim, acompanhando a fala e aí teve um apego total a língua portuguesa a minha fala, você entendeu? Eu não me despreendi do português, conforme eu fui ouvindo não estava super confortável aquilo assim não estava... estava tenso para passar da maneira como recebia e assim, me apoiei muito no português, isso desestruturou, descaracterizou a Libras assim, então talvez daí, a dificuldade de me entender. Nossa outra coisa, totalmente diferente, mas é uma sugestão.

Esse episódio apresenta inicialmente uma inquietação da intérprete, por não conseguir compreender de forma satisfatória, para ela, o que havia dito em Libras. Ela comparou o trecho assistido com o anterior, em que ela havia conseguido falar de forma simples e segura sobre o tema do vídeo, apoiada na Libras. Mas no trecho seguinte, apesar de conseguir compreender de forma bem geral sobre o que tratava,

teve bastante dificuldade em dar detalhes do que foi interpretado, em função da difícil compreensão da língua de sinais do modo como ela organizou seu enunciado.

Se traduzirmos mantendo literalmente o modo de “endereçamento” do texto que se traduz, tal como ele se apresenta na língua traduzida, estaremos nos dirigindo nas formas de outra língua a um público que não conhece essa língua, e corremos o risco de não comunicar coisa alguma e de dizer coisas “ridículas”. (SOBRAL, 2008; p. 114).

A oportunidade de se ver e analisar sua própria atuação são positivas, pois, após observar sua atuação, a intérprete acabou refletindo sobre suas escolhas, afirmando que os mesmos erros não seriam mais realizados, pois considerou suas escolhas equivocadas e não pretende as repetir.

A intérprete trata a dificuldade percebida como algo que dependesse somente dela e estivesse sobre seu controle, deixando de lado a tríade (palestrante/intérprete/surdo) que faz parte do ato interpretativo. No trecho da autoconfrontação

Karina: Não é um tema desconhecido, mas de repente a maneira como foi estruturado a fala e a maneira como eu quis conduzir a interpretação que foi bem assim, acompanhando a fala e aí teve um apego total a língua portuguesa a minha fala, você entendeu?

Percebe-se que ela cita que “talvez” tenha sido a forma como foi dito, porém o foco da questão se volta para a sua atuação e ela assume culpa pelas escolhas que fez e que, em sua opinião, foram erradas, ao ponto de querer mudar totalmente aquela atuação, caso fosse possível.

Além da possibilidade de se ver, a autoconfrontação traz a chance de se expressar através da linguagem que “não é apenas um meio para explicar o que o sujeito faz ou vê, mas também um meio para levá-lo a pensar, sentir e agir.” (LOUSADA, 2004, p 279-280). E no caso da intérprete em questão, ela pensou sobre suas escolhas, percebeu falhas e sentiu frustração por, segundo ela, não ter feito um bom trabalho. Ocorreu uma reflexão ativa, que resultou no planejamento da intérprete mais realizar a interpretação da forma como a viu no vídeo, indicando querer modificar aspectos de sua forma de interpretar.

Mas ao ser confrontada com sua atuação, a intérprete percebe a metodologia utilizada como sofrida, já que implica no contato com uma pluralidade

de sentimentos, pois diz: - “Você tinha que escolher esse método de autoconfrontação que te deixa depois arrasada.”. Essa reação é perfeitamente aceitável, pois se olhar não é tarefa fácil, provoca desconforto, pois não é o simples fato de se ver, mas sim o de saber que o que está sendo visto foi o que muitas pessoas viram no momento de sua atuação, e que tal forma de atuar pode comprometer seu trabalho. A partir disso é preciso buscar novas formas de atuar, que serão colocadas em ação posteriormente em outras atuações, buscando aprimorar o fazer do intérprete.

Nesse mesmo episódio, a intérprete comenta a respeito da constante formação do intérprete e o momento em que se passa a atuação. Ou seja, o fato do intérprete sempre estar buscando aprender a cada dia, buscando mais informações, faz com que ele tenha uma nova forma de atuar com o passar do tempo. A intérprete afirma que o mesmo texto fonte seria feito de formas diferentes, caso houvesse a possibilidade de refazer sua interpretação, pois considerou que atualmente ela teria elementos para fazer escolhas diferentes.

Fica claro para a profissional que ao vivenciar mais e mais experiências de interpretação, as formas de dizer vão se modificando. O ILS passar a encontrar formas mais adequadas de enunciar, e então problemas enfrentados num certo momento da carreira vão se dissolvendo, porque as novas experiências permitem outras formas de atuar.

Nessa fala, percebe-se a noção de transformação do sujeito ao longo do tempo, pois o tempo passado e as experiências vindas com ele possibilitariam novas formas de dizer o mesmo texto. Além disso, o contexto seria outro, as pessoas seriam outras, a mudança não seria apenas em um elemento e mesmo que o fosse, ele mesmo sendo “outro”, já provocaria inúmeras mudanças. “Mandar alguém “se catar” pode ser desde uma brincadeira a uma ofensa grave – a depender de quem diz o quê a quem quando, onde e de que maneira, com que estado psíquico (!) etc.” (SOBRAL, 2008; p, 83).

Em cada parte do trecho visualizado, a intérprete encontra enunciados não compreendidos, ou compreendidos de forma equivocada, o que prejudicou a compreensão da informação por ela, e provavelmente pelos interlocutores presentes. Pela dificuldade de compreender o texto sem o áudio, a intérprete reflete

que nada daquela atuação poderia ser aproveitada, só havendo a possibilidade de mudar tudo, caso fosse possível.

Apesar de a intérprete julgar que nada deu certo na sua atuação, ela mesma recorre a trechos anteriores para mostrar que funcionaram melhor. É sempre ela atuando, mas a atuação não é cristalizada, se altera, mesmo para um tema que ela tem domínio. Observa-se uma instabilidade inerente ao fazer do intérprete, e olhar para a própria atuação é muito importante. Nesse contexto, há a distinção entre o trabalho real e o trabalho realizado.

... o trabalho real compreende, além da própria atividade realizada, também todas as atividades não realizadas, suspensas contrariadas ou que algum impedimento não deixou que se realizassem. Na verdade, em meio a tantas outras que com ela concorriam no momento da ação. Essas outras atividades que não foram realizadas e que também fazem parte do trabalho real têm grande importância para a compreensão do trabalho prescrito e do trabalho realizado e devem ser levadas em conta na análise das situações de trabalho. (LOUSADA, 2004; p. 275-276).

Toda essa gama de possibilidades que excede o fazer do intérprete, as relações que o constitui, nos mostra a complexidade de sua atuação. E “podemos dizer ainda que, através de uma relação dialógica com o objeto, a atividade filmada, pode-se compreendê-lo em um novo contexto, o que é essencial para que haja transformação da ação” (LOUSADA, 2004; p. 289).

E sobre toda essa situação, a intérprete remete ao fato de ter aproximado demais as duas línguas envolvidas na interpretação. A intérprete tentou seguir a palestrante na forma como essa conduziu sua fala, acompanhando cada enunciado de forma muito próxima, com pouco tempo entre a fala do orador e sua interpretação. Isso fez com que, segundo a intérprete, a Libras fosse descaracterizada -, ou seja, ela usou os sinais, mas se manteve presa às estruturas gramaticais do português. Essa a levou a um “português sinalizado” que descaracterizou a Libras, resultando em um enunciado ininteligível.

Por isso costumo dizer que as línguas são traduzíveis, ou seja, postas em correspondência, mas não tradutíveis, ou sejam postas em equivalência, porque, se o sentido nunca se realiza por inteiro, sequer entre dois falantes de uma mesma língua, a tradução, ao recorrer a formas típicas de uma dada língua (já existentes ou possíveis no âmbito dessa língua), tem necessariamente de alterar algo do texto traduzido, o que, como vamos discutir adiante, não torna um texto da tradução inferior ao texto traduzido. O tom, ou “ênfases do conjunto” (São Jerônimo), são recuperáveis, mas as formas de expressão variam, indicando uma atitude geral de uma dada

língua e a atitude de cada falante, **tendo o tradutor de transitar entre dois sistemas de uma maneira que respeite a intencionalidade, o “querer-dizer”, do autor sem impor as regras da língua dele à língua para a qual se traduz**, e sem impor a esse autor as regras da outra língua. (SOBRAL, 2008; p. 40, grifo nosso).

Ao se aproximar muito da LF, a intérprete acabou por “impor as regras” dessa língua para a LA, resultando em uma tradução equivocada ou, pelo menos, pouco compreensível. Não houve o respeito necessário para com as duas línguas, de tal forma que uma foi mais evidenciada que a outra.

Esse episódio apresenta mais de uma dificuldade enfrentada pela intérprete e que está diretamente ligada às suas escolhas. Ela não atribuiu a dificuldade à nada externo, mas sim ao complexo trabalho interno que opera em si para sua atuação.

Traduzir é sempre um exercício imperfeito, em que tentamos transpor para outro universo semântico ideias e sentimentos que não são nossos. Num tal processo, o resultado será sempre alvo potencial de censura e dissenso. Na tradução, fazemos mais do que simplesmente buscar sinônimos. Somos forçados a interpretar, a intuir o sentido de passagens por vezes dúbias. Fazemos escolhas a todo momento. Elegemos. Tomamos decisões. E com isso, naturalmente, nos arriscamos ao erro. (MAGALHÃES JÚNIOR, 2007; p. 170)

Todo o processo psicológico envolvido no ato interpretativo provoca sentimentos conflitantes na intérprete, pois a compreensão de que sua atuação irá permitir a interação entre indivíduos que não falam a mesma língua pesa em sua atuação. E a autoconfrontação permitiu que a intérprete avaliasse sua própria atuação, o que lhe trouxe sentimento de culpa, pois naquele momento ela entendeu que suas escolhas não foram as mais adequadas. Apesar de saber que muitos fatores estão interligados nesse processo, naquele momento ela não se exime, pois acredita que poderia ter feito melhor, mas que simplesmente não conseguiu.

Lousada (2004), mesmo falando sobre professores, mostra-nos como a metodologia da autoconfrontação dá subsídios para que os profissionais, neste caso o intérprete, compreenda o emaranhado de situações que envolvem seu trabalho.

Em suma, a autoconfrontação e sua análise discursiva mostraram ser uma maneira de revelar a complexidade do trabalho do professor, composto não apenas por determinantes internos (concepções didáticas, representações sobre ensino-aprendizagem, etc.), mas também por fatores externos,

totalmente independentes da vontade e/ou da *formação* do professor. (LOUSADA, 2004; p. 292)

Percebe-se que não é somente o fazer do profissional que conta, toda a estrutura que o cerca influenciará em sua prática. Apesar da intérprete, nesse episódio, ter chamado para si toda a responsabilidade pela atuação, que no seu próprio julgamento não foi boa, isso não pode ser considerado verdade. Apesar de ser ela o agente que permitiu a comunicação naquele momento, ela não esteve sozinha atuando em nenhum momento. Sua atuação estava envolta na complexa rede de comunicação efetivada e composta por muitos interlocutores.

Analisando essa situação, observa-se que a atuação do ILS em conferência possui peculiaridades que se devem a fatores como a modalidade da língua, a velocidade das falas, ao posicionamento do intérprete, sua formação, dentre outros. E esse contexto é extremamente profícuo para pesquisas futuras nessa área. A ampliação das pesquisas na área possibilitará conhecer melhor a atuação dos intérpretes de Libras.

Pode-se pensar que não se tratam de diferenças gritantes quando confrontadas a outros espaços de atuação do ILS, que a atuação é a mesma, só modificando o ambiente, mas se percebe nos depoimentos dos participantes que o contexto de conferência é bastante singular, trazendo relações entre sujeitos e ambiente muito específicas. Para ilustrar essa diferença, destaca-se o episódio:

Bruno: *São informações importantes porque ela apresenta aí um percurso histórico, por se tratar de um percurso histórico ela quer mostrar como foi aprovada a lei, o que aconteceu, quantos anos depois, fazer uma comparação então eu não posso omitir datas nesse momento porque é sobre isso que ela fala, então por isso que eu procurei nos slides, se fosse em algum outro contexto poderia ter falado de alguma outra forma. Como agora, por exemplo, eu me perdi um pouco nessa parte aqui a hora que eu estava interpretando a voz. Como é para, você nesse momento a gente está fazendo esse trabalho eu consigo contornar de uma forma como se o discurso pudesse correr normalmente.*

Entrevistadora: *Aham.*

Bruno: *Se fosse num outro contexto eu teria ... se aquilo fosse importante, uma aula por exemplo, como acontece eu interpretando o professor de filosofia estava falando tudo que o Sartre fez a teoria dele lá, ele falou e eu me perdi na construção aí eu falo "professor essa informação é importante e eu não ouvi", eu não aviso ele que a informação é importante e aviso que não ouvi. "quando, em mil*

novecentos e pouco? Ah tá entendi", e continuo. Nesse contexto de conferência a gente não consegue fazer isso.

Entrevistadora: *É.*

Bruno: *Por isso que eu busquei o slide. Eu não entendi, mas era importante. Então são decisões que a gente toma e nem percebe, você nem sabe que vai tomar, mas você tem que tomar. Eu poderia ter sucumbido aí, depois o surdo que estava assistindo ia perder o momento histórico. Certo. Concorda?*

O intérprete diz que são decisões tomadas automaticamente, de acordo com a situação apresentada. Nesse episódio, o intérprete diz que se estivesse em uma sala de aula, pediria que o professor voltasse a explicação, fazendo uma intervenção no meio de sua fala, o que não seria aceitável no contexto de conferência, pois se trata de um ambiente formal e cheio de protocolos a serem seguidos. São muitas as características que diferenciam o contexto conferência de outros contextos.

Destaca-se a preocupação do intérprete em garantir o acesso do surdo à informação, pois a seu ver, naquela fala, as datas eram importantes para compor a explicação do período histórico. Porém, o ILS viu sua atuação limitada pelo contexto, o que levou a recorrer à estratégia de olhar repetidas vezes para os *slides*. Esse fato chamou sua atenção no momento de se autoconfrontar, levando-o a analisar seu comportamento frente ao contexto vivido.

Essa postura implica criar um *espaço-tempo* diferente por meio do método das *autoconfrontações*, a fim de que o movimento dialógico se desenvolva, os implícitos possam ser explicitados, o não dito possa ser dito, as coerções sociais, técnicas, hierárquicas *tenham sua incidência atenuada (porque nunca cessa)* deixem de atuar, e cada ator, locutor possa ultrapassar os limites das normas e das regras que lhe são impostas ou que ele próprio se impõe. (SOUZA-E-SILVA, 2004; p. 100, grifos da autora).

O simples fato de se ver faz com que o intérprete confronte suas motivações, responsabilidades, possibilidades de diferentes estratégias, compromisso com sua atuação, auto exigência de qualidade e, principalmente, faz com que ele perceba o que nem imaginava que fazia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual conjuntura social tem favorecido que a pessoa com deficiência passe a atuar de forma mais expressiva nos diferentes espaços sociais, e aumentado a busca por melhor conhecer os sujeitos envolvidos nessa mudança. Assim, quando a participação dos surdos é mais ativa, e esses conseguem avançar no engajamento cultural, participando de diferentes esferas, fica mais importante conhecer um dos profissionais envolvidos nesse processo - o intérprete.

Para se conhecer esse profissional é necessário aprofundar-se em vários aspectos referentes à sua profissão, e analisá-la em diferentes contextos. Um dos ambientes em que vem aumentando sua participação é em conferências, local em que a interpretação simultânea é necessária e traz novas formas de atuação. Entretanto, esse contexto específico ainda é pouco estudado.

Apesar da crescente atuação do intérprete em conferências, os materiais específicos são muito escassos e os poucos encontrados se referem a estudos sobre intérpretes de línguas orais (PAGURA, 2003, 2010 e MAGALHÃES-NETO, 2007). Assim, as bases que deram suporte para as análises aqui propostas foram buscadas em referências sobre os intérpretes de línguas de sinais em outros contextos. Por conta da escassez de pesquisas sobre o ILS em conferência, identificou-se também a necessidade de aprofundar estudos referentes à essa temática, fomentando pesquisas nessa área, para reunir o conhecimento necessário para se conhecer melhor os modos de atuação do intérprete nesse local específico.

Conhecer de forma mais profunda os diferentes contextos em que atua o ILS é fundamental, pois, assim, poderá se pensar em formações mais específicas, com direcionamentos e ferramentas que levarão à formações iniciais e continuadas de melhor qualidade, além de contar com bases teóricas mais específicas desse contexto tão dinâmico.

Este trabalho buscou conhecer mais do contexto da conferência, em que atua o intérprete de Libras, pois se entende que nesse contexto extremamente complexo de atuação, existe um fazer muito diferente do que se vê no contexto cotidiano da sala de aula. Afinal, os intérpretes de língua de sinais não são formados para atuar em um único contexto, mas sim onde houver a necessidade de comunicação entre surdos e ouvintes.

Dessa forma, pensar em formações iniciais e continuadas sem incluir práticas no contexto da conferência não formará maus intérpretes, apenas profissionais incompletos, diante de uma demanda cada vez maior para esse contexto.

Ao buscar conhecer mais sobre esse tipo de atuação, selecionaram-se tópicos de análise que reuniram informações sobre a própria conferência: Tempo, Exposição, Posição e Preparo.

O primeiro ponto analisado, o Tempo, mostrou-se como um “vilão” no momento da interpretação, pois no contexto da conferência há uma grande quantidade de informações que devem ser ditas dentro de um tempo determinado, o que se mostra muito mais trabalhoso. Os dados mostraram que quando a fala do palestrante contém listas de nomes próprios, por exemplo, o intérprete se vê em uma situação que demanda datilografia de palavras que ele não tem certeza de qual seria a grafia, entre outros problemas. Assim, o intérprete deve ter em mente técnicas que otimizem esse tempo, sem deixar que o uso excessivo de datilografia prejudique seu desempenho.

Nesse processo, o intérprete enfrenta uma escolha difícil: passar a informação incorreta, omitir, priorizar ou selecionar informações? Enfim, o profissional bem preparado conseguirá contornar tais dificuldades apresentadas pela diferença de modalidade entre as línguas em uso.

O segundo ponto analisado foi a Exposição. Na conferência, diferente dos intérpretes de línguas orais, os ILS ficam extremamente expostos, pois pela modalidade da língua precisam ficar de frente para a plateia, o que os coloca em uma situação desconfortável, uma vez que a sensação de constante avaliação aumenta, já que todos os olhos estão voltados para o intérprete, mesmo daqueles que não sabem língua de sinais. Dependendo do tamanho do auditório onde acontece o evento, essa exposição poderá comprometer mais ou menos a atuação do intérprete, pois o tamanho do local dá uma sensação maior ou menor de conforto, como destacou um dos participantes da pesquisa.

Esse desconforto com relação à exposição é característico dos intérpretes de línguas de sinais, que necessariamente trabalham com sua imagem. Para minimizar essa dificuldade, deve-se considerar a preparação dos futuros ILS para

enfrentar essa situação, dando ferramentas para que esses aprendam a lidar com as emoções que emergem da exposição.

O terceiro ponto analisado foi a Posição. Observou-se que além da necessidade de o intérprete se expor frente ao auditório, por conta da modalidade da língua, há uma questão também bastante complicada que se refere à necessidade desse profissional ficar posicionado ao lado do palestrante, ou até mesmo um pouco a frente dele, o que dificulta a percepção do que acontece no palco.

Assim, o intérprete tem a necessidade de se virar para olhar informações projetadas em *slides* ou para o palestrante, caso esse faça algum tipo de indicação que não tem pistas auditivas. Esse aspecto indica a necessidade de se buscar soluções para que o intérprete não precise se virar a todo instante para enxergar o que é projetado. Uma simples cópia da tela de projeção situada à frente do intérprete, ou outros arranjos possíveis, poderiam minimizar esse tipo de dificuldade encontrada por conta do local de atuação do profissional.

O quarto ponto analisado foi o Preparo. A preparação prévia para atuar em um contexto tão complexo e dinâmico como o das conferências é fundamental, pois além da possibilidade de conhecer o que será interpretado, dá mais condições aos intérpretes de fazer as melhores escolhas, haja vista que o tema a ser trabalhado será estudado previamente. Porém, a realidade não é a ideal, e dificilmente os intérpretes têm acesso prévio aos conteúdos, restando ao profissional apenas contar com a experiência e com o improviso.

Por fim, destacou-se a autoconfrontação, não como tópico que caracterize a conferência, mas por ter aparecido diversas vezes na fala dos intérpretes como sendo uma experiência enriquecedora para o autoconhecimento e aperfeiçoamento profissional. Com essa técnica, os profissionais puderam perceber sua atuação com novos olhares. A autoconfrontação mostrou-se eficaz em propiciar perspectivas de reflexões e mudanças nos intérpretes, o que ela seria de grande valia para os cursos de formação de intérpretes, uma vez que.

A técnica da autoconfrontação como metodologia de pesquisa mostrou-se muito eficaz e possibilitou que se atingisse o objetivo da pesquisa, de ampliar conhecimento sobre essa atividade.

Portanto, com relação ao ILS, os primeiros passos já foram dados, mas o caminho é longo e existe uma necessidade premente de se aprofundar nas análises

sobre esse profissional, tão importante para a garantia do direito de comunicação dos surdos.

E, para além das contribuições à profissão de intérpretes de línguas de *sinais*, este trabalho contribui para a formação e estudos relacionados aos intérpretes de línguas *orais*, por esse profissional ser um dos sujeitos frequentes no contexto da conferência, e com certeza beneficiado com a possibilidade de uso da autoconfrontação em sua formação.

Assim, inserida em um tema instigante por sua complexidade e singularidade, essa pesquisa abre o caminho para novas indagações e futuras investigações que busquem o crescimento da profissão.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de A. **A formação de intérpretes de libras para um serviço da educação especial**. O que os currículos de cursos de especialização em libras têm a nos revelar? In: VII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL. 08 a 10 novembro de 2011, Londrina. **Anais**. Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/FORMACAO/201-2011.pdf>. Acessado em: 17 de junho de 2014.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 55 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BAKHTIN, Mikhail Volochínov. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Linguagem e Cultura. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BELÉM, J. M. **A atuação do Intérprete de educacional de língua brasileira de sinais no ensino médio**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP, Piracicaba-São Paulo. 2010. Disponível em <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/aluno/visualiza.php?cod=733>. Acessado em 20 de junho 2014.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chaves**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. **Lei 10.098** de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acessado em: 10/06/2015.

_____. **Lei 10.436** de 22 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acessado em: 10/06/2015.

_____. **Decreto 5.626** de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acessado em: 10/06/2015.

_____. **Lei 12.319** de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm. Acessado em: 10/06/2015.

BRASILEIRO, A. M. M.. A autoconfrontação simples aplicada à formação de docentes em situação de trabalho. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 15, n. 28, p. 205 - 224. 1º sem. 2011. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4316> Acessado em 18 de junho de 2014.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Atica, 2000.

CLOT, Yves. Vygotski: para além da Psicologia Cognitiva. **Rev. Pro-Posições**, São Paulo, v. 17, n. 2 (50) - maio/ago. 2006. Disponível em: http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/50_dossie_clot_y.pdf. Acessado em 03 de setembro de 2015.

_____. A psicologia do trabalho na França e a perspectiva da clínica da atividade. **Fractal, Rev. Psicol.** vol.22 no.1 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v22n1/v22n1a15.pdf>. Acesso em 25/06/2015.

_____. Yves. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FAÏTA, Daniel. Gêneros de discurso, gêneros de atividade, análise da atividade do professor. *In*: MACHADO, Anna R. (org). O Ensino como trabalho. Londrina: Eduel, 2004.

FREITAS, Maria T.; SOUZA, Solange J. e; KRAMER, Sonia. **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

FURASTÉ, P. A. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: explicação das Normas da ABNT**. 16 ed. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2012.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 35, n. 2, abr. 1995. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>. Acesso em 26 jun. 2014.

HARRISON, Kathryn M. P. **Processo de construção de um coletivo de trabalho bilíngue: profissionais surdos e ouvintes em uma escola especial para surdos**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

LACERDA, Cristina B. F. de. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

_____. **O intérprete de Língua Brasileira de Sinais (ILS)**. *In*: LODI, C. B; MÉLO, A. D. B. de; FERNANDES, E. (Orgs). Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. Porto Alegre: Mediação, 2012. P. 247-287.

LACERDA, Cristina B. F. de; GURGEL, Taís Margutti do Amaral. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil. **Rev. bras. educ. espec**, Marília, v. 17, n. 3, p. 481-496, Dec. 2011. Acessado em 10 de maio de 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382011000300009>.

LOUSADA, Eliane. **Os pequenos grandes impedimentos da ação do professor: entre tentativas e decepções**. In: MACHADO, Anna R. (org). O Ensino como trabalho. Londrina: Eduel, 2004.

MAGALHÃES JUNIOR. Ewandro. **Sua majestade, o intérprete: o fascinante mundo da tradução simultânea**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MARTINS, Diléia A.; SANTOS, Kátia A. S. dos. **Formação do intérprete de língua brasileira de sinais: desafios e possibilidades no contexto da educação inclusiva e bilíngue para surdos**. In: DENARI, Fátima E (org). Educação Especial: distintos olhares, diferentes escutas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

MERODE, Paola D. N. R. **Bilinguismo e Interpretação Simultânea: uma análise cognitiva do processamento da memória de trabalho e da fluência verbal**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MUNIZ, Maria I. A.; NEPOMUCENO, Arlete R. **Autoconfrontação simples: condições de produção e autoconhecimento**. ALFA: Revista de Linguística, 2010. Disponível: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/393>. Acessada em 10/04/2014.

PAGURA, Reynaldo J. **A Interpretação de Conferências: Interfaces com a Tradução Escrita e Implicações para a Formação de Intérpretes e Tradutores**. D.E.L.T.A., 19: ESPECIAL, 2003 (209-236).

_____. **A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários do inglês), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

PEREIRA, M. C. P. **Produções Acadêmicas sobre interpretação em Língua de Sinais: Dissertações e Teses como vestígios históricos**. In: QUADROS, R.M. de. (Org.). Cadernos de Traduções. Florianópolis: Pós-graduação em Estudos da Tradução, 2010. p. 99-117.

QUADROS, Ronice M. de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC ; SEESP, 2004. 94 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acessado em: 17/05/2015.

_____. **Os polos do Curso de Letras Libras EaD da Universidade federal de Santa Catarina**. In: QUADROS, R.M. de. (Org.). Letras Libras: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014. p. 191-231

RAGO, Luiza M. **O que é taylorismo**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo: Loyola, 2010.

SANTIAGO, Vânia de A. A. **Atuação de intérpretes de língua de sinais na pós-graduação lato sensu**: estratégias adotadas no processo dialógico. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial), Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2013.

SANTOS, Marta. **Análise psicológica do trabalho**: dos conceitos aos métodos. *Laboreal*, 2 (1), 34-41. 2006. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/pt/articles/analise-psicologica-do-trabalho-dos-conceitos-aos-metodos/>. Acessado em: 15/06/2015.

SOBRAL, Adail. **Dizer o 'Mesmo' a Outros**: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2008.

SOUZA-E-SILVA, Maria C. P. de. **O ensino como trabalho**. *In*: MACHADO, Anna R. (org). *O Ensino como trabalho*. Londrina: Eduel, 2004.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores – 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 (psicologia e pedagogia).

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem** – 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008 (psicologia e pedagogia).

APÊNDICE A**QUESTIONÁRIO**

PESQUISA:A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS EM SITUAÇÃO DE CONFERÊNCIA: UMA REFLEXÃO DE SUAS ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO
PESQUISADORA: Kátia Andréia Souza dos Santos

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Idade: _____ Gênero: _____

Grau de instrução: _____

Curso: _____

Atua como intérprete educacional? _____

Em que nível(is) de ensino? _____

Tipo de instituição em que atua ou atuou? _____

Tempo de atuação como intérprete educacional? _____

Atua como intérprete de conferência? _____

Relate os tipos de conferências das quais já participou como intérprete.

Tempo de atuação como intérprete de conferência? _____

Outras experiências de interpretação que considere relevantes e seu tempo de atuação nelas:

Como você aprendeu a ser intérprete? _____

Você teve formação específica para isso? Qual (is)?

O que achou importante nestas formações?

APÊNDICE B

TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “**O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO CONTEXTO DE CONFERÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE SUA ATUAÇÃO**”, sob orientação da Profa. Dra. Cristina Broglia Feitosa Lacerda, cujo objetivo principal é conhecer melhor a atuação do intérprete de Libras no contexto da conferência. O presente projeto justifica-se pela importância do tema e pelo fato de ainda não ter despertado o interesse da academia, pois pouco se produziu com relação à atuação desse profissional que está cada vez mais presente nas escolas e universidades.

Você foi selecionado porque atende a todos os critérios de seleção dos participantes da pesquisa, que são: 1) ser intérprete; 2) possuir formação/certificação de acordo com o decreto 5.626/05; 3) atuar em evento nacional selecionado para a pesquisa. Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A sua recusa na participação não trará nenhum prejuízo à sua relação com o pesquisador. Sua participação consistirá em ter as filmagens de sua atuação analisadas em entrevista que versará sobre trechos selecionados pela pesquisadora que mostrarão suas estratégias no momento de sua atuação.

Os dados da pesquisa serão coletados a partir das primeiras filmagens e análises feitas na entrevista semiestruturada, gravadas em formato vídeo. Todas as informações obtidas nessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Seu consentimento em participar não acarretará gastos financeiros ou riscos de ordem psicológica, física, moral, acadêmica ou de outra natureza. E, se as perguntas trouxerem emoções fortes ou desconforto, poderemos interromper a entrevista a qualquer momento que desejar, bem como, garantindo a não utilização das informações obtidas para seu prejuízo ou de sua comunidade (neste caso, das pessoas surdas e intérpretes), **em hipótese alguma as imagens serão utilizadas para sua estigmatização e após a conclusão da pesquisa, o material das filmagens será imediatamente destruído.**

A presente pesquisa poderá deixá-lo desconfortável, devido as filmagens da sua atuação profissional e da entrevista. Para minimizar estes desconfortos, serão tomadas as seguintes medidas: No momento da filmagem da atuação a câmera será posicionada em tripé sem a presença de pessoa operando assim chama menos atenção e não atrapalhará a atuação. A entrevista será realizada em um clima descontraído (sem perder a seriedade do tema em questão) e sendo explicado todos os benefícios da presente pesquisa e caso, ainda assim, sinta-se constrangido, será imediatamente interrompida as gravações. **Após a conclusão da pesquisa, o material das filmagens será destruído, não restando nada que**

venha a comprometê-lo futuramente. Será assegurada ao participante a privacidade (proteção), garantindo a não utilização das informações obtidas para seu prejuízo. Em hipótese alguma as imagens serão utilizadas para sua estigmatização, inclusive em termos de autoestima. Sendo que sua participação trará benefícios importantes para se compreender, de forma mais ampla, a atuação do intérprete em eventos.

Os resultados serão utilizados para a conclusão da pesquisa acima citada, sob responsabilidade da pesquisadora. Os dados coletados durante o estudo serão analisados e apresentados sob a forma de relatórios e serão divulgados por meio de trabalhos apresentados em reuniões científicas, congressos, seminários, encontros e de artigo científico, **mas sem a utilização de nenhuma imagem coletada durante a pesquisa.**

Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados para contato com a pesquisadora. Você poderá entrar em contato a qualquer momento, a fim de retirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação na pesquisa.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km.235 – Caixa Postal 676- CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Fone (16) 33518110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Eu, _____,
declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa: e concordo em participar.

São Carlos, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do Participante da pesquisa

Kátia Andréia Souza dos Santos
Aluna da Pós-Graduação em Educação Especial
Rua: Riachuelo, 846. Centro – São Carlos/SP
(16) 982279017 – (91) 981460272